



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO – UNIRIO
Centro de Ciências Humanas e Sociais – CCH
Programa de Pós-Graduação em Gestão de Documentos e Arquivos - PPGARQ
Mestrado Profissional em Gestão de Documentos e Arquivos - MPGA

**ENTRE ARQUIVOS E BIBLIOTECAS: O CASO DO ACERVO PESSOAL DE
GUILHERME FIGUEIREDO**

KAROLYNE SOUSA AMARAL

Rio de Janeiro
2022

KAROLYNE SOUSA AMARAL

**ENTRE ARQUIVOS E BIBLIOTECAS: O CASO DO ACERVO PESSOAL DE
GUILHERME FIGUEIREDO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Gestão de Documentos e Arquivos da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), como requisito para a obtenção do grau de Mestre no curso de Mestrado Profissional em Gestão de Documentos e Arquivos.

Linha de pesquisa: Gestão da Informação Arquivística

Orientador: Prof. Dr. Paulo Roberto Elian dos Santos

Rio de Janeiro
2022

Catálogo informatizada pelo(a) autor(a)

A485 Amaral, Karolyne Sousa
Entre arquivos e bibliotecas: o caso do acervo
pessoal de Guilherme Figueiredo / Karolyne Sousa
Amaral. -- Rio de Janeiro, 2022.
86 f.

Orientador: Paulo Roberto Elian dos Santos.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do
Estado do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação
em Gestão de Documentos e Arquivos, 2022.

1. Arquivos pessoais. 2. Bibliotecas pessoais.
3. Quadro de arranjo . I. Santos, Paulo Roberto
Elian dos , orient. II. Título.

KAROLYNE SOUSA AMARAL

ENTRE ARQUIVOS E BIBLIOTECAS: O CASO DO ACERVO PESSOAL DE
GUILHERME FIGUEIREDO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Gestão de Documentos e Arquivos da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), como requisito para a obtenção do grau de Mestre no curso de Mestrado Profissional em Gestão de Documentos e Arquivos.

Aprovação em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Paulo Roberto Elian dos Santos – Orientador

Prof^a. Dr^a. – Luciana Quillet Heymann - Membro interno titular

Prof^a. Dr^a. – Maria Celina Soares de Mello e Silva – Membro externo titular

Prof. Dr. João Marcus Figueiredo Assis – Membro interno suplente

Prof. Dr. Renato de Mattos – Membro externo suplente

Rio de Janeiro,
2022

Para minha filha amada Isadora Sousa Zanetti. Você é minha força e razão de viver! Te amo
filhota!

AGRADECIMENTOS

Ninguém consegue nada sozinho. Para conseguir concluir este curso, foi fundamental o apoio de algumas pessoas.

Agradeço à Deus por me permitir avançar mais um degrau na minha trajetória acadêmica e profissional.

Agradeço à minha mãe Rosângela, por me incentivado a continuar os meus estudos e, principalmente, em ter se disponibilizado em ficar com a minha filha para que eu pudesse assistir as aulas. Se não fosse sua ajuda, eu nem tinha começado. Obrigada mãe!

Agradeço ao meu companheiro Rafael Zanetti por estar ao meu lado em todos os momentos e por me animar quando estava me sentindo exausta. Obrigada por proporcionar minhas refeições e lanches enquanto estava no meu processo solitário de escrita. Te amo!

Agradeço à minha turma do PPGARQ 2019 por esse período tão precioso que passamos juntos. Foi apenas um período de aulas presenciais, porém o suficiente para nos deixar unidos. Desejo sucesso na jornada de cada um.

Agradeço ao meu orientador, Professor Paulo Roberto Elian dos Santos, por ter se interessado pela minha pesquisa, pelos ensinamentos, conselhos e todo o suporte necessário para que eu pudesse concluir esse trabalho.

Agradeço as Professoras Luciana Heymann e Maria Celina Mello e Silva em terem aceitado o convite para compor a banca de qualificação e defesa e pela generosidade com as observações que só vieram a contribuir com a pesquisa.

Agradeço aos Professores João Marcus Figueiredo e Renato de Mattos por gentilmente terem aceitado fazer parte da banca como suplentes e por serem profissionais exemplares em nossa área.

Agradeço aos meus colegas do Sistema de Bibliotecas da UNIRIO, em especial a equipe de Divisão de Atendimento ao Usuário, do qual faço parte.

Provavelmente me esqueci de alguém, mas fica registrada a minha gratidão a cada pessoa que me ajudou direta ou indiretamente. Finalizar um curso de Mestrado em plena pandemia não foi tarefa fácil, mas enfim, consegui!

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo identificar e analisar as relações e vínculos orgânicos entre os documentos de arquivo e biblioteca no acervo pessoal Guilherme de Figueiredo. Aborda o conceito de arquivos pessoais, suas características e por que eles podem ser considerados arquivos sob a luz da teoria arquivística. Discute a custódia dos arquivos pessoais por bibliotecas e também, pontua a importância da abordagem contextual em acervos pessoais compostos por arquivo e biblioteca oriundos do mesmo produtor. Descreve os aspectos teóricos da descrição arquivística, com o foco nos arquivos pessoais. Apresenta um breve perfil biográfico sobre Guilherme Figueiredo. Relata como ocorreu o processo de transferência de propriedade do arquivo pessoal e do acervo bibliográfico do titular para a UNIRIO, e destaca sua importância para a memória da universidade e para as áreas da literatura e teatro. Analisa a metodologia de tratamento utilizada para a organização do arquivo pessoal, destacando os tipos documentais existentes, o arranjo adotado e as séries estabelecidas para os documentos textuais e impressos. Propõe novo quadro de arranjo do arquivo pessoal de Guilherme Figueiredo, pautado nos princípios teóricos e procedimentos metodológicos da Arquivologia. Sugere recomendações no que se refere a descrição dos itens bibliográficos da biblioteca de Guilherme Figueiredo.

Palavras-chave: Arquivos pessoais. Bibliotecas pessoais. Acervos pessoais. Quadro de arranjo. Guilherme de Oliveira Figueiredo

ABSTRACT

The present work aims to identify and analyze the relationships and organic links between archival and library documents in the Guilherme de Figueiredo personal collection. It addresses the concept of personal archives, their characteristics and why they can be considered archives in the light of archival theory. It discusses the custody of personal files by libraries and also points out the importance of the contextual approach in personal collections composed of archive and library from the same producer. It describes the theoretical aspects of archival description, with a focus on personal archives. It presents a brief biographical profile about Guilherme Figueiredo. It reports how the process of transferring ownership of the holder's personal archive and bibliographic collection to UNIRIO took place, and highlights its importance for the memory of the university and for the areas of literature and theater. It analyzes the treatment methodology used for the organization of the personal archive, highlighting the existing document types, the arrangement adopted and the series established for the textual and printed documents. It proposes a new arrangement framework for Guilherme Figueiredo's personal archive, based on the theoretical and methodological assumptions of Archival Science. It suggests recommendations regarding the description of bibliographic items in Guilherme Figueiredo's library.

Key-words: Personal archives. Personal libraries. Personal collections. Classification scheme. Guilherme de Oliveira Figueiredo.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Euclides Figueiredo e Guilherme Figueiredo durante o Movimento de 1932.....	34
Figura 2 – Guilherme Figueiredo e Alba Lobo no dia do casamento, ocorrido em 19 de março de 1941, na Igreja dos Capuchinhos (RJ).....	35
Figura 3 – Com os atores da peça “A raposa e uvas” em Madrid.....	38
Figura 4– Coleção de livros autografados doados por Guilherme Figueiredo.....	41
Figura 5 – Caixa-arquivo Arquivo pessoal.....	52
Figura 6 – Dossiê encontrado no conjunto de Guilherme Figueiredo documentos sobre a peça de teatro “A raposa e as uvas”	52
Figura 7 – Encenação da peça “A muito curiosa matrona de Éfeso”, autoria de Guilherme Figueiredo. Na foto estão os atores Sérgio Brito, Francisco Cuoco, Fernanda Montenegro e Nathalia Timberg em 1956.....	55
Figura 8 – Guilherme Figueiredo com a esposa Alba e os filhos.....	56
Figura 9 – Registro de item bibliográfico da Biblioteca de Guilherme Figueiredo.....	68

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Quadro de arranjo do Arquivo pessoal de Guilherme Figueiredo, com base no relatório do acervo entregue pela empresa contratada pela família.....	44
Quadro 2 - Quadro de arranjo proposto para o arquivo pessoal de Guilherme Figueiredo.....	59
Quadro 3 - Proposta de inventário arquivo pessoal Guilherme Figueiredo.....	64

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	12
2. ACERVOS PESSOAIS, ARQUIVOS PESSOAIS E COLEÇÕES.....	17
2.1 Arquivos pessoais e Arquivologia: abordagens teóricas e metodológicos.....	17
2.2 Arquivos e bibliotecas pessoais: coleções especiais?	22
2.3 Abordagem contextual em acervos pessoais.....	26
2.4 Arranjo e descrição: a reconstrução do contexto.....	28
3 SOBRE O PRODUTOR E O PROCESSO DE TRANSFERÊNCIA DE PROPRIEDADE DO ACERVO.....	33
3.1 Perfil biográfico do titular: um homem de letras e das artes.....	33
3.2 Institucionalização de arquivos pessoais: o processo de aquisição e tratamento técnico do acervo de Guilherme Figueiredo.....	39
3.3 O acervo pessoal de Guilherme e seu potencial informativo para memória da literatura e do teatro.....	47
4 A ORGANIZAÇÃO DO ACERVO PESSOAL DE GUILHERME FIGUEIREDO.....	50
4.1 Arquivo.....	50
4.1.1 Análise e tratamento documental: proposta de reorganização do acervo.....	50
4.1.1.2 Quadro de arranjo proposto para o acervo Guilherme Figueiredo.....	57
4.1.1.3 Instrumento de pesquisa: elaboração de inventário.....	63
4.2 Biblioteca.....	66
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	70
REFERÊNCIAS.....	73
APÊNDICE.....	80

1 INTRODUÇÃO

O pensamento e a prática arquivística estão intimamente ligados com a noção de documento, sob uma perspectiva probatória e também como elemento de formação da memória. Arquivos são formados por documentos caracterizados pela função que cumprem no processo de desenvolvimento das atividades de uma instituição ou pessoa. Com a modificação de posicionamento conceitual da Arquivologia, o arquivo tem sido revisto dentro de um contexto histórico-cultural. Neste contexto, a discussão sobre arquivos pessoais na literatura arquivística recente tem se ampliado de maneira significativa. Em decorrência das novas perspectivas historiográficas sobre a função dos arquivos pessoais, estes passam a ser compreendidos como “arquivos”, além de serem considerados fonte de pesquisa para a compreensão da trajetória de indivíduos e da história de uma época.

Por diversas razões, os arquivos pessoais não estão necessariamente custodiados por uma instituição arquivística, podendo estar em bibliotecas, museus e centros de documentação. Em consequência disso, o tratamento técnico dado a estes documentos nem sempre segue os padrões arquivísticos. Assim como os documentos arquivísticos de origem institucional, arquivos pessoais devem ser tratados de acordo com os princípios e técnicas preconizados pela Arquivologia.

No entanto, o contexto de produção e o processo de acumulação de documentos por indivíduos é diferente em relação aos documentos de natureza institucional, e não se enquadram necessariamente a todos princípios da Arquivologia. Os arquivos pessoais podem ser parcela de um acervo, podendo somar-se a uma biblioteca pessoal, por exemplo. Este é o caso do acervo de Guilherme Figueiredo, custodiado pela Biblioteca Central da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), composto pelo arquivo pessoal, biblioteca e também por objetos tridimensionais¹ do titular.

Guilherme Figueiredo foi escritor, teatrólogo, jornalista, professor, adido cultural e primeiro reitor da UNIRIO. A proposta de abordar esse acervo se justifica na medida em que pode ser fonte de diversas pesquisas relacionadas ao percurso intelectual do titular e, também, sobre a origem da UNIRIO. A contribuição para a história materializada em seus documentos torna-se um caminho para entender os acontecimentos que marcaram sua época.

¹ O uso do termo “objetos tridimensionais” pode ser controverso no contexto arquivístico. Segundo Camargo (2006; 2011), a tridimensionalidade também está presente em outros suportes, tais como papel e a película de acetato (filme).

O interesse pelo estudo do acervo de Guilherme Figueiredo e não de outro indivíduo está relacionada com a minha atuação profissional, pois sou bibliotecária na instituição desde 2015. Neste mesmo ano, a Biblioteca Central recebeu a doação do arquivo pessoal de Guilherme Figueiredo. Além da proximidade de acesso ao acervo como elemento facilitador da pesquisa, fui motivada por uma certa inquietação ao observar que não existe nenhum instrumento de pesquisa que relacionasse o arquivo com a biblioteca do titular.

Neste sentido, podemos verificar que apesar da crescente discussão sobre os arquivos pessoais no contexto da Arquivologia, a relação entre os acervos (arquivo e biblioteca) pertencentes ao mesmo produtor ainda é pouco explorada. Diante desta situação, o problema da pesquisa pode ser explicitado por meio do seguinte questionamento: que método ou métodos utilizar para descrever um acervo que contém documentos arquivísticos e bibliográficos com vínculos entre si?

No âmbito acadêmico, este projeto se justifica como mais uma contribuição às pesquisas na temática dos arquivos pessoais, mas sobretudo estudos voltados aos acervos pessoais constituídos por arquivo e biblioteca como elementos articulados, que possuem relações entre si e com o titular.

Na coletânea de trabalhos do III Encontro “Arquivos pessoais: experiências, reflexões, perspectivas”² realizado em 2019, Renata Almeida e Renato de Mattos fazem uma análise dos pareceres das avaliações técnicas de alguns arquivos pessoais de interesse público realizados de acordo com o Decreto de nº 4.073/2002 e da Resolução nº 17/2002 do CONARQ, a fim de identificar se os acervos bibliográficos foram compreendidos como parcelas indissociáveis dos arquivos pessoais, e quais foram os critérios que determinaram seu desmembramento. Em alguns pareceres, a biblioteca foi denominada como documentos do “gênero bibliográfico” ou, ainda, é reconhecida a existência de um acervo arquivístico e bibliográfico, mas a declaração de interesse público e social foi restrita aos documentos arquivísticos. Em consequência disso, os autores identificaram que, por muitas vezes, o acervo bibliográfico está apartado da documentação arquivística, quando deveria estar integrado, devido a sua relação orgânica. Camargo e Goulart (2007), apoiadas em bases conceituais e metodológicas relatam a viabilidade de realizar uma abordagem contextual no tratamento técnico do acervo do ex-presidente Fernando Henrique Cardoso, envolvendo também o acervo bibliográfico do titular.

² CAMPOS, J. F. G. (Org.). **Arquivos pessoais: fronteiras**. São Paulo: Associação de Arquivistas de São Paulo, 2020. Disponível em: <<https://www.arqsp.org.br/wp-content/uploads/2021/02/CAMPOS-2020-Arquivos-pessoais-fronteiras.pdf>>. Acesso em: 05 abr. 2021.

Neste sentido, podemos verificar a necessidade de aprofundar discussões sobre estes casos, que apesar de serem comuns, ainda são controversos. Arquivos e bibliotecas pessoais, via de regra, não são vistos de maneira integrada e complementar. Segundo Almeida e Mattos (2020, p. 149), “é possível compreender as coleções de livros coexistentes em arquivos pessoais como parcelas representativas das atividades e das áreas de interesse dos respectivos titulares”.

No caso da UNIRIO, temos o acervo pessoal de Guilherme Figueiredo (1915-1997) custodiado pela Biblioteca Central, constituído por um arquivo e uma biblioteca. Para a UNIRIO, o acervo possui relevância, pelo fato do titular ter uma relação com a instituição e também para a pesquisa em literatura e teatro, áreas nas quais a universidade possui cursos de graduação e pós-graduação reconhecidos no país.

Apesar de estarem no mesmo espaço institucional de custódia, não existe um instrumento de pesquisa que informe que os dois conjuntos documentais estão organicamente ligados. Com isso, perde-se tempo num levantamento de pesquisa, pois é necessário consultar instrumentos distintos (catálogo on-line e quadro de arranjo) que não fornecem a informação de maneira contextualizada e integrada. Isto também dificulta a promoção deste acervo para o público, pois a Biblioteca Central da UNIRIO não tem conhecimento aprofundado sobre o seu potencial informativo. Além disso, a organização atual do arquivo de Guilherme Figueiredo não reflete as atividades e funções desempenhadas pelo produtor. A falta de um instrumento de pesquisa e de descrição arquivística adequada também é um fator prejudicial no acesso ao acervo.

Neste sentido, a pesquisa tem por objetivo geral: formular proposta de classificação e descrição do acervo pessoal de Guilherme Figueiredo, a partir da análise das relações e vínculos orgânicos entre os documentos de arquivos e biblioteca. A partir disso, foram traçados os seguintes objetivos específicos: a) Analisar à luz da trajetória de Guilherme Figueiredo, a história de constituição do seu acervo pessoal; b) Compreender o processo de institucionalização do acervo pessoal de Guilherme Figueiredo na UNIRIO; c) Identificar e analisar as relações e vínculos orgânicos entre os documentos de arquivo e biblioteca no acervo pessoal de Guilherme Figueiredo.

Do ponto de vista metodológico, este projeto é de natureza aplicada, com abordagem qualitativa. Para a estruturação dos referenciais teóricos e conceituais, foi necessário realizar uma pesquisa bibliográfica na literatura arquivística e, também em outras áreas, como a Biblioteconomia, para compreender a temática dos arquivos pessoais, sua organização e tratamento, bem como a relação de seus materiais com materiais de natureza bibliográfica e sua

relevante presença nos espaços institucionais das bibliotecas e outros centros de custódia de acervos.

No que se refere à abordagem em arquivos pessoais na literatura arquivística, a pesquisa está baseada nos principais autores que trabalham com esta temática no cenário brasileiro, tais como Ana Maria Camargo (2007; 2009), Silvana Goulart (2007), Luciana Heymann (2005; 2012), Heloísa Liberalli Bellotto (2006), Lucia Velloso de Oliveira (2010; 2012), Maria Celina Mello e Silva (2018; 2021), dentre outros. No campo da Biblioteconomia, mais especificamente sobre coleções especiais e raras, nos apoiamos em Ana Virgínia Pinheiro (2012), Fabiano Cataldo de Azevedo (2010; 2020) e Stefanie Freire (2013; 2018). Em relação à origem e formação de bibliotecas pessoais, tomamos como referência Tânia Bessone (2014), historiadora especializada em história do livro.

Por ser tratar de um estudo de caso, a pesquisa documental é um procedimento necessário, que “consiste na exploração das fontes documentais”, e podem ser “documentos oficiais, reportagens de jornal, cartas, contrato, diários”, (GIL, 2008, p.51) entre outros. Neste sentido, o estudo sobre a trajetória do titular está pautada na leitura do livro “*A bala perdida: memórias*”, uma obra póstuma contendo memórias do produtor do arquivo. Como fonte documental, analisaremos o processo administrativo de aquisição do acervo na universidade e o relatório de organização do arquivo, anexo ao processo.

A dissertação está estruturada em cinco capítulos. O primeiro é a introdução. No segundo, terceiro e quarto capítulos se dá o desenvolvimento da pesquisa propriamente dita. Por último, a quinta seção, que refere as considerações finais.

O primeiro capítulo aborda o conceito de arquivos pessoais, suas características e por que eles podem ser considerados arquivos sob a luz da teoria arquivística. Neste sentido, discutiremos a custódia dos arquivos pessoais por bibliotecas e também, vamos pontuar a importância da abordagem contextual em acervos pessoais compostos por arquivo e biblioteca oriundos do mesmo produtor. Além disso, descrevemos os aspectos teóricos da descrição arquivística, com o foco nos arquivos pessoais.

O segundo capítulo apresenta um breve perfil biográfico sobre Guilherme Figueiredo. Relata como ocorreu o processo de transferência de propriedade do arquivo pessoal e do acervo bibliográfico do titular para a UNIRIO, e destaca sua importância para a memória da universidade e para as áreas da literatura e teatro.

O terceiro capítulo analisa a metodologia de tratamento utilizada para a organização do arquivo pessoal, destacando os tipos documentais existentes, o arranjo adotado e as séries estabelecidas para os documentos textuais e impressos. No final do capítulo é sugerida uma

forma alternativa de organização do arquivo pessoal de Guilherme Figueiredo, pautada nos pressupostos teóricos e metodológicos da Arquivologia. Também apresentamos algumas recomendações no que se refere a descrição dos itens bibliográficos da biblioteca de Guilherme Figueiredo.

2 ACERVOS PESSOAIS, ARQUIVOS PESSOAIS E COLEÇÕES

2.1 Arquivos pessoais e Arquivologia: abordagens teóricas e metodológicas

Compreender as correntes de pensamento da teoria arquivística e seus aspectos históricos faz parte do desenvolvimento da disciplina científica. Cook (2018) sintetiza as ideias arquivísticas que permearam a teoria e a prática ao longo dos anos. Para o autor, é necessário conhecer as premissas, ideias e conceitos do discurso arquivístico da época ou do lugar em questão. Heymann (2012) apresenta um panorama sobre as diversas abordagens da Arquivologia ao longo dos anos, com o foco nos arquivos pessoais e seu lugar na teoria arquivística, e das relações entre memória, história e arquivos.

No século XIX, a Arquivologia concebia-se em um modelo positivista, modelo este predominante na ciência. Expresso por normas e leis, o trabalho arquivístico estava pautado nas técnicas de tratamento dos documentos e na perspectiva de neutralidade do arquivista. Ao longo do século XX, novas vertentes emergem, tendo como pano de fundo acontecimentos históricos e relevantes avanços tecnológicos. Seguindo este modelo, Jenkinson apresenta uma teoria na qual os arquivos são imparciais e o arquivista tem apenas a função de preservar, ser guardião de documentos (COOK, 2018). O crescimento exponencial dos arquivos nas organizações no período pós-guerra gera uma preocupação com a questão da avaliação dos documentos. Em consequência disso, o discurso arquivístico norte-americano traz a ideia de racionalização de documentos, utilizando os conceitos de eficácia e eficiência aplicados à gestão de documentos e a teorização sobre o valor dos documentos, preconizados principalmente pelo arquivista e historiador americano Theodore R. Schellenberg.

Vale ressaltar que o desenvolvimento da Arquivologia enquanto disciplina prevaleceu em torno dos arquivos públicos, ligados aos papéis produzidos pelo Estado. Este pensamento também se reflete nos primeiros manuais dedicados aos arquivos, que não mencionam os documentos de natureza pessoal como documentos de arquivo. A primeira menção a arquivos pessoais aparece em 1928 no manual do arquivista italiano Eugenio Casanova, que inclui arquivos constituídos por indivíduos na definição de arquivo (HEYMANN, 2012; MATTOS; PEREIRA, 2019).

Com uma mudança de pensamento sobre as práticas arquivísticas, os arquivos pessoais estão inseridos na Arquivologia como instrumentos capazes de complementar e suplementar os arquivos institucionais. De forma paralela também centra suas atenções para o desenvolvimento de uma Arquivologia sob perspectiva crítica, preocupada com as relações do arquivo e

sociedade, “voltada para a denúncia de processos de dominação, de ações ideológicas ocultas em práticas tidas como pretensamente neutras, para o questionamento sobre as reais necessidades a serem atendidas e para os enquadramentos culturais promovidos.” (ARAÚJO, 2013, p. 54). Segundo Heymann (2012), a visão pós-moderna inclui o arquivo como uma metáfora do cruzamento entre memória, saber e poder, ideias desenvolvidas por Foucault e Derrida.

A discussão sobre arquivos pessoais na literatura arquivística recente tem se ampliado de maneira significativa. Principalmente a partir de 1970, quando “a utilização dos arquivos pessoais como fonte para a escrita da história está associada a um momento de renovação das práticas historiográficas” (HEYMANN, 2012, p. 71). Considerar a experiência, visão de mundo dos indivíduos em seu tempo como instrumento para o entendimento dos processos sociais advém da história cultural, corrente historiográfica que se encontra associada à micro-história (GOMES, 1998). Em certa medida o interesse dos historiadores em torno dos arquivos pessoais influenciou a Arquivologia que passa a se dedicar mais a este tipo de acervo. Arquivos pessoais podem ser considerados como fonte de pesquisa para a compreensão da história de uma época.

Além do reconhecimento da sua importância enquanto patrimônio histórico, a Arquivologia por muito tempo não considerava os arquivos pessoais como arquivo, pois a noção de arquivo estava associada ao funcionamento da máquina administrativa. Em seu artigo, Camargo (2009) aponta que os arquivos institucionais possuem uma metodologia de tratamento baseada na teoria arquivística bem definida, enquanto os arquivos pessoais nem sempre são tratados de modo coerente com a teoria arquivística.

Essa dualidade entre os dois tipos de arquivo, o pessoal e o institucional, produziu em muitos países uma divisão, ou mesmo uma referência a duas partes da profissão: a tradição dos manuscritos históricos *versus* a tradição dos arquivos públicos. A ideia de distanciar o arquivo público do pessoal “é muito difundida no pensamento arquivístico tradicional e na maior literatura sobre o assunto” (COOK, 1998, p. 131).

A partir da pesquisa sobre a organização e tratamento de arquivos pessoais de cientistas, Santos (2012) observou que:

A literatura arquivística clássica sempre tratou as diferenças entre arquivos institucionais e arquivos pessoais, estabelecendo uma oposição bastante clara. Enquanto os primeiros representam um conjunto homogêneo e necessário, resultado de uma atividade administrativa, os pessoais são produtos de uma intenção de perpetuar uma determinada imagem, portanto fruto de uma seleção arbitrária e se apresentam como agrupamento artificial e antinatural onde não é possível a objetividade (SANTOS, 2012, p. 29)

No contexto arquivístico brasileiro, a Lei nº 8.159/1991 (Lei de arquivos) representou um significativo avanço no reconhecimento dos arquivos pessoais expresso na definição de arquivo, e estabelecendo que caso sejam considerados fontes relevantes para a história e o desenvolvimento científico nacional, podem ser identificados de interesse público e social (MATTOS; PEREIRA, 2019). A inclusão dos arquivos pessoais na legislação foi fruto da experiência brasileira no recolhimento destes acervos na década de 1970, com a criação do Centro de Pesquisa e Documentação em História Contemporânea do Brasil (CPDOC) da Fundação Getúlio Vargas (FGV), considerada pioneira na preservação e organização de arquivos pessoais no país, e também de outras instituições, como a Fundação Casa de Rui Barbosa (FCRB).

Nesta perspectiva da legislação brasileira, apesar dos arquivos pessoais terem sido produzidos a partir de atividades de indivíduos, adquirem “valor secundário” lhes sendo atribuído potencial informativo para futuras pesquisas. Em razão das constantes mudanças da sociedade, os arquivos são instrumentos indispensáveis para assegurar direitos (DELMAS, 2010). Neste sentido, podem colaborar com a manutenção de direitos e como resposta à necessidade de conhecimento.

Segundo Hobbs (2016), os arquivos pessoais dão a impressão de ainda serem um terreno novo em relação aos debates a respeito das teorias arquivísticas. Apesar do reconhecimento da Arquivologia em considerar arquivos pessoais como arquivos, existem duas abordagens: a primeira, defende que as práticas de procedimento técnico aplicadas a arquivos de instituições podem ser integralmente aplicadas a arquivos pessoais; a segunda vislumbra espaço para novas explorações e conseqüentemente afastamento de tais métodos. Nesta direção, a autora descreve quatro conceitos específicos voltados para os arquivos pessoais, baseados em suas pesquisas e investigações.

O primeiro conceito menciona a existência da interação entre os documentos de esfera pessoal e da esfera pública da vida do titular. A formação do arquivo está intimamente ligada ao posicionamento por suas visões, consciência social e o desempenho profissional daquele indivíduo, explicando assim as inter-relações dentro do arquivo. O segundo conceito, pontuado pela autora como a “documentação a partir da experiência” traz a percepção pela qual o documento foi produzido e acumulado pelo titular do arquivo. Ou seja, é necessário que o arquivista se atente ao sentido pessoal e subjetivo do documento muito mais do que pelo viés convencional, que é o de prova; a demonstração de experiências pelo produtor do arquivo é refletida através dos documentos. O terceiro conceito refere-se à relação da documentação com o produtor (HOBBS, 2016). De acordo com a autora:

Os arquivistas devem levar em conta todos os fatores psicológicos que estão envolvidos quando as pessoas criam/preservam/destroem documentos. A relação delas com a documentação pode incluir muitos aspectos emocionais e práticos, entre os quais se encontram o bom sentimento em relação a fases anteriores da personalidade, a utilidade da documentação depois de passado o propósito original, o sentimentalismo e o temor de expor atividades ou ideias anteriores, sentimentos pessoais sobre a tecnologia, o trabalho de documentar e escrever e até mesmo as atitudes acerca de documentos não ativos (HOBBS, 2016, p. 324)

O quarto e último conceito diz respeito à organização documental, que neste contexto pessoal é “cheia de significados porque se trata de um componente físico e intelectual capaz de demonstrar pensamentos e ações.” (HOBBS, 2016, p. 325). Em suma, Hobbs (2016) preconiza que é preciso atentar para a relação do titular com seus documentos e não apenas para a relação entre atividades e documentos e documentos entre si.

Para García Gutierrez (2008), o arquivo pessoal pode ser considerado um processo racional de demarcação, numa tentativa de produção de legado. Para o autor, “a demarcação é um conceito intimamente vinculado as marcas que deixamos. A marca, como indício tornado visível de uma instância, já percorre histórias do mundo inorgânico determinando as formas de narrar esse percurso” (GARCÍA GUTIERREZ, 2008, p. 27). Neste sentido, o próprio produtor do arquivo determina o que deve ser preservado e como ser lembrado e o que deve ser esquecido.

Nesta mesma perspectiva, Cunningham (2003, p. 63) afirma que “líderes influentes criam arquivos não apenas como monumentos simbólicos da sua grandeza, mas também como forma de legitimação, reforço e prolongamento do seu poder”. O conhecimento construído pelos arquivos pode direcionar e influir nossas ideias de verdade, memória, história e identidade. Em arquivos pessoais, pode se revelar um instrumento de poder para um indivíduo ou família, podendo privilegiar ou marginalizar determinadas categorias/segmentos sociais.

Tomando por base os arquivos de homens públicos, Heymann também relaciona os arquivos pessoais a uma intencionalidade, sendo uma construção da narrativa como uma forma de expressão da “escrita de si” (HEYMANN, 2012), no sentido de deixar um legado. O processo de acumulação dos arquivos pessoais distingue-se dos demais arquivos, pois existe uma intencionalidade que define o que deve ou não ser guardado. Entretanto, não significa que os documentos que integram o arquivo pessoal foram escolhidos caso a caso. A construção do legado implica a leitura sobre a experiência do indivíduo e o discurso produzido para que esta experiência se torne excepcional (HEYMANN, 2005). A autora define legado como

Investimento social por meio do qual uma determinada memória individual é tornada exemplar ou fundadora de um projeto político, social, ideológico, etc., sendo, a partir de então, abstraída de sua conjuntura e assimilada à *história nacional*. Nesse movimento, configura-se um outro tipo de legado, de natureza memorial,

materializado em arquivos, peças e toda sorte de registros que remetam à figura e atuação do personagem, que passa a ser objeto de ações de preservação e divulgação, por meio das quais, por sua vez, o legado substantivo atribuído ao personagem é constantemente atualizado e ressignificado (HEYMANN, 2005, p.2, grifo do autor).

Para Camargo (2009), o documento de arquivo no contexto dos arquivos pessoais emana sua condição probatória e seu valor primário, mas possui particularidades para seu tratamento, e devem ser considerados documentos de arquivo (CAMARGO, 2009). Para Gomes (2009, p. 22), os arquivos pessoais “merecem e exigem reflexões teóricas que se beneficiem de um diálogo interdisciplinar crescente na área das ciências humanas e sociais, em particular”.

Pautadas pela longa e complexa experiência de tratamento do arquivo pessoal de Fernando Henrique Cardoso, Camargo e Goulart fazem a seguinte ponderação sobre os arquivos pessoais:

Não dispõem de autonomia, como os de biblioteca, nem prescindem da relação que mantêm com os documentos que os precedem ou sucedem no âmbito da atividade para a qual servem de instrumento. Nesse sentido, apontam para uma abordagem que, necessariamente, busca recuperar a “conexão lógica e formal que liga um documento a outro mediante vínculo da necessidade” ou seja, a teia de relações (originária, necessária e determinada) que os documentos de um mesmo grupo mantêm entre si. (CAMARGO e GOULART, 2007, p. 43)

Neste sentido, podemos dizer que os arquivos pessoais devem ser tratados como um conjunto, e não como peças individuais como materiais de biblioteca. Arquivos pessoais são conjuntos documentais resultantes do processo de acumulação, fruto das ações de seu produtor (SILVA; MELLO, 2018).

Com relação ao tratamento técnico dos arquivos pessoais, Heymann (2012) comenta que o reconhecimento dos contextos sócio-históricos e o olhar antropológico em torno dos conjuntos documentais de natureza pessoal podem auxiliar nos procedimentos de organização e tratamento, bem como na sua contextualização.

No que se refere ao tratamento dos arquivos pessoais, McKemmish (2018) afirma que

Os arquivistas podem analisar o que acontece no arquivamento pessoal do mesmo modo como analisam o arquivamento corporativo. Assim como identificam atividades e funções corporativas importantes, e especificam os documentos mantidos como prova dessas atividades, da mesma forma eles podem analisar papéis socialmente atribuídos e atividades correlatas e concluir quais documentos os indivíduos guardam como provas desses papéis e atividades – “provas de *mim*” (MCKEMMISH, 2018, p. 241).

Dessa forma, verifica-se que os arquivos pessoais devem ser tratados sob a luz da teoria e da metodologia arquivística. Embora o tratamento deste tipo de acervo seja complexo, em relação à diversidade dos documentos acumulados, pois não só compreendem documentos que refletem as funções e atividades desenvolvidas pelo produtor, mas também documentos que traduzem sua vida pessoal. Apesar das divergências entre os autores que estudam arquivos pessoais e de que nem todos os princípios básicos da arquivologia são aplicáveis aos

documentos de natureza pessoal, seu tratamento técnico não deve estar alheio à abordagem arquivística.

2.2 Arquivos e bibliotecas pessoais: coleções especiais?

A presença de arquivos pessoais em bibliotecas é uma situação muito comum em diversas instituições de custódia de acervos. Sua singularidade tem sido objeto de interesse pelo fato de os conjuntos documentais de natureza pessoal serem considerados coleções relevantes para o desenvolvimento de pesquisas e para a sociedade.

Denominados como coleções, manuscritos ou até mesmo papéis pessoais (OLIVEIRA, 2012), os arquivos pessoais eram organizados e tratados de acordo com os padrões preconizados pela Biblioteconomia. Segundo Hobbs (2016), a prática de recolhimento de documentos de natureza pessoal foi motivada pela tradição do manuscrito histórico, e os critérios estavam baseados em sua raridade, valor histórico, valor cultural ou valor informativo para historiadores, ou ainda, como suplemento de fundos institucionais existentes.

Para Camargo (2009), a abordagem bibliográfica no tratamento de arquivos pessoais, no qual são descritos de maneira individual e independente não demonstra as circunstâncias pelas quais foram produzidos e nem revela as relações orgânicas que mantêm com outros itens do arquivo, além de sobrepôr o valor informativo ao valor probatório dos documentos. Neste sentido, a naturalização do recolhimento por parte das bibliotecas acentuou o caráter de coleção e afastou os documentos pessoais da concepção de fundo, bem como dos demais princípios arquivísticos (MACÊDO; OLIVEIRA, 2019).

Neste contexto, Heymann (2012) destaca que os arquivos pessoais acabam integrando a seção de “manuscritos” nas bibliotecas, e por muitas vezes, são tratados segundo os princípios biblioteconômicos. Ou seja, a abordagem metodológica dos arquivos pessoais varia de acordo com as filiações disciplinares das instituições responsáveis pela custódia. Em consequência disso, a legitimidade e entendimento dos arquivos pessoais enquanto arquivos podem ser questionados.

Podemos verificar que a custódia de arquivos pessoais por Bibliotecas continua a ser uma prática bastante comum. Nos artigos escritos por Venancio (2016) e por Terrada e Fonseca (2019), é possível identificar a diversidade de instituições, tais como museus, fundações e institutos que custodiam arquivos pessoais, a partir de informações coletadas em bases de dados, como o Cadastro Nacional de Entidades Custodiadoras de Acervos Arquivísticos (CODEARQ).

Um dos motivos que podem influir na destinação de determinado arquivo para a instituição, é a familiaridade do titular com o local de guarda, como era o caso de Guilherme Figueiredo. É comum que a doação de acervos pessoais também inclua a biblioteca pessoal e outros objetos do indivíduo. Como exemplo, identificamos o caso da Itália, no qual a Associação Italiana de Bibliotecas (AIB) disponibilizou em 2019 um documento contendo diretrizes para o tratamento de arquivos pessoais, no qual evidencia a importância da integração do arquivo pessoal com a biblioteca particular pertencente a um mesmo titular. Na realidade brasileira, esta situação também ocorre. Em um dos textos apresentados no evento “Da minha casa para todos”³ realizado em 2016, Silva e Lino relatam como o Museu de Astronomia e Ciências Afins (MAST) lida com este tipo de acervo, buscando manter a relação dos contextos preservados no instrumento de pesquisa. Brando e Merege (2016) destacam a existência de diversos arquivos pessoais na Fundação Biblioteca Nacional:

[...] A lista se torna muito mais extensa se forem incluídos os utentes, como Machado de Assis, nome frequente nos livros de consulta, e Lima Barreto, cujo arquivo pessoal, incluindo originais e correspondência, se encontra sob a guarda da instituição. A esses nomes se somam centenas de outros que obtiveram destaque tanto na literatura quanto em outros campos como as artes e a política – e não é de se estranhar que alguns deles, leitores recorrentes da Biblioteca Nacional, tenham doado a ela seus acervos particulares. **Alguns foram doados não pelos titulares, mas por suas famílias, talvez por saber da ligação entre seu ente querido e a biblioteca**, mas talvez, possivelmente, por achar que esta seria um lugar de fácil acesso e que um acervo aí localizado beneficiaria um maior número de pesquisadores. (BRANDO; MEREGE, 2009, p. 64, grifo nosso)

Os documentos arquivísticos diferenciam-se em relação ao tratamento dos documentos bibliográficos. Como mencionado anteriormente, um mesmo indivíduo pode acumular ao longo de sua vida não só um arquivo, mas também uma biblioteca, que por sua vez possuem relações entre si. As bibliotecas pessoais podem conter livros dotados de valor testemunhal, com relações intrínsecas com os documentos de arquivo. Assim como o arquivo pessoal, uma coleção particular de livros não é um acúmulo ao acaso, mas reflete a vida afetiva, intelectual e profissional de seu proprietário (FREIRE, 2018).

Neste sentido, Bessone (2014) afirma que a biblioteca pessoal

Não é simplesmente o somatório de livros. O fato do indivíduo ter escolhido aquelas obras, entre tantas outras, de preservá-las em casa, guardá-las em móveis especialmente construídos, demonstra uma preferência, uma forma de atribuir determinado valor aos livros, não apenas por suas qualidades implícitas. Essa seleção, seja por escolha afetiva, ou mesmo por status, define uma razão que ajuda a fazer diferença entre livros esparsos e espalhados e uma biblioteca, mesmo que pequena. (BESSONE, 2014, p. 36)

³ SILVA, Maria Celina Mello e (Org.). **Da minha casa para todos**: institucionalização de acervos bibliográficos privados. Rio de Janeiro: MAST, 2018. Disponível em: <http://mast.br/images/publicacoes_mast/livro_da_minha_casa_para_todos_v2.pdf>. Acesso em: 28 mar. 2021.

Desse modo, podemos afirmar que assim como os arquivos pessoais, bibliotecas pessoais também se caracterizam como um lugar de memória, pois sua formação está pautada pela maneira de pensar de seu titular, seus gostos pessoais, influências políticas e culturais, representando traços de uma trajetória (AZEVEDO; COSTA; SILVA, 2020). Para Vian e Rodrigues (2020, p. 23), “o acervo pessoal vai além da percepção das pessoas que olham de fora, ele está recheado de significados e signos que são visíveis apenas para o colecionador ou para olhares mais atentos, dos especialistas”.

O relato de doação da biblioteca de João do Rio ao Real Gabinete Português de Leitura descrito por Azevedo (2010) é um exemplo de que as bibliotecas pessoais podem estar atreladas à memória do titular. A coleção de livros assume o papel de prolongamento da memória, pois a essência do indivíduo permanece ali por meio das marcas de leitura, dedicatórias e papéis esquecidos entre as folhas, que são testemunho de momentos vividos pelo escritor.

O interesse pelo estudo do livro e por bibliotecas pessoais advém da renovação das práticas historiográficas que tratavam o livro objeto histórico e em questões sobre as sociabilidades intelectuais, ao estudo das marginais, a história da leitura, etc. Em seu livro, Bessone (2014) localiza os diversos contextos de formação das bibliotecas pessoais e como a formação destas bibliotecas pode estreitar os laços sociais, como por exemplo, na troca de livros entre intelectuais. A formação de uma biblioteca pode estar atrelada à questão profissional e/ou a uma prática colecionista (bibliofilia) podendo ser motivada por status, estética ou valor pecuniário das obras. É possível identificar também a existência de bibliotecas “familiares”, em que obras de cunho acadêmico e/ou profissional eram herdadas, pois o filho seguia a mesma profissão do pai (BESSONE 2014).

Moles (1978) analisa a biblioteca pessoal sob uma perspectiva funcional, ou seja, de relação com o seu proprietário. Neste contexto, o autor afirma que

Todo intelectual possui uma biblioteca, cujo arranjo e extensão são testemunhas dele mesmo, e é bem sabido que uma olhada na biblioteca de um intelectual diz muito sobre o que ele é, o que pensa, o que faz, sobre suas orientações políticas, seus gostos artísticos ou seus projetos recentes, pois ela é uma testemunha de sua atividade mais específica (MOLES, 1978, p. 40).

Além do viés colecionista e de relação com o titular, as bibliotecas pessoais também apresentam um outro aspecto, que são as marcas de proveniência. Podem ser anotações, dedicatórias, carimbos, selos e outros vestígios que evidenciam a trajetória do livro ao longo de sua história.

Segundo Rodrigues (2021), elas denotam a história de propriedade de livros ou de coleções pelos indícios deixados por pessoas e/ou instituições que tiveram contato com o item.

Elas podem ser classificadas em quatro grandes grupos: marcas de manufatura, marcas de uso, marcas de propriedade e marcas de posse.

Apesar do tratamento técnico convencional dos documentos de biblioteca estar atrelado ao seu conteúdo, é importante ressaltar que no caso das bibliotecas pessoais, é fundamental a busca pelo contexto, do “olhar para fora”, através das marcas de propriedade, marcas de leitura e sua relação com outros documentos, de maneira a evidenciar a organicidade do acervo como um todo. É muito comum que em acervos pessoais, haja uma divisão sobre o destino do acervo: os livros vão para a biblioteca, os documentos (avulsos) para o arquivo e os objetos tridimensionais para o museu (CAMARGO, 2020). O fato de o acervo também estar custodiado num mesmo local não demonstra sua organicidade sem que tenha um projeto descritivo único, que preserve as conexões entre os materiais.

No contexto brasileiro podemos identificar alguns acervos pessoais de intelectuais, como por exemplo, o acervo de Mário de Andrade, custodiado pelo Instituto de Estudos Brasileiros (IEB) da Universidade de São Paulo (USP), em que a biblioteca pessoal do escritor, assim como seu arquivo e a coleção de artes possuem relações em sua formação. Na análise empreendida sobre a biblioteca de Mário de Andrade, Lopez (2011) afirma que os documentos componentes dos três pilares do acervo revelam conexões naturais entre eles, que são determinantes para entender o modo de pensar do titular do acervo. As notas de leitura escritas pelo proprietário do acervo revelam o processo criativo do sujeito, demonstrando o movimento na pesquisa do escritor. Sobre as marginálias, a autora assinala:

As notas marginais autógrafas fazem parte do universo da criação de outros textos e, na medida em que se enquadram no percurso da escritura, **uplicam a natureza documental do objeto livro** (ou jornal/revista); ao texto impresso existente em uma biblioteca soma-se o manuscrito. Transformando ou selecionando, nas margens, a matéria do autor, tecendo comentários em uma leitura crítica lateral, o escritor-leitor promove uma coexistência de discursos. (LOPEZ, 2011, p. 66, grifo nosso)

Em sua pesquisa de mestrado, Freire (2013) analisou as dedicatórias da biblioteca de Manuel Bandeira, custodiada pela Academia Brasileira de Letras (ABL). A pesquisa permitiu compreender o seu processo de formação e o universo de suas relações de amizade, profissionais e afetivas. O estudo da coleção bibliográfica também pode traçar o perfil leitor do escritor, suas ideias e influências intelectuais.

Um outro exemplo é o acervo bibliográfico e arquivístico do escritor Fernando Py. Silva (2020) aborda em seu trabalho a organicidade entre a biblioteca e o arquivo, e como a atividade de crítico literário alimentava a biblioteca do escritor. É possível observar também como os documentos do arquivo dialogam com o processo de formação da biblioteca, pelas correspondências, listagens e registros no livro de tombo.

Desse modo, verificamos que o livro pode ter valor documental, podendo comprovar algum tipo de relação entre pessoas por meio das dedicatórias e autógrafos ou pelas notas de leitura, e também documentar atividade intelectual do titular. Apesar de não terem função atrelada a prova ou evidência, bibliotecas pessoais podem estar incluídas no universo dos arquivos devido ao seu vínculo orgânico com o acervo arquivístico de um mesmo indivíduo. O elemento agregador deste acervo pessoal (arquivo + biblioteca) é o titular e, portanto, o tratamento deve estar baseado nas atividades e relacionamentos que fizeram parte da vida da pessoa, no seu contexto histórico e cultural. No entanto, é importante que a organização esteja alinhada aos métodos de tratamento adequados para cada tipo de acervo, às necessidades da instituição e também do usuário.

2.3 Abordagem contextual em acervos pessoais

A partir das considerações teóricas e metodológicas para o tratamento dos arquivos pessoais, é possível afirmar que a identificação do contexto e o vínculo existentes entre os documentos são elementos centrais para sua organização. Neste sentido, podemos observar pesquisas voltadas para a abordagem contextual em arquivos pessoais, no intuito de considerar que o indivíduo exerce funções e diversas atividades durante sua trajetória.

Para Thomassem (2006) contexto arquivístico

são todos os fatores ambientais que determinam como os documentos são gerados, estruturados, administrados e interpretados. Os fatores ambientais que determinam diretamente os conteúdos, formas e estruturas dos registros podem ser diferenciados em contexto da proveniência, contexto administrativo e contexto de uso. Estes fatores são, cada um a seu tempo, determinados pelo contexto sócio-político, cultural e econômico (THOMASSEM, 2006, p. 10).

Sobre a importância do contexto arquivístico em arquivos pessoais, Smit (2017) pontua que a preservação do contexto de documentos é condição essencial para organização de um arquivo pessoal. Enquanto um documento isolado e reconhecido como entidade autônoma pouco informa sobre as atividades desenvolvidas pelo titular, um conjunto de séries de documentos que se referem à uma mesma atividade tem função informacional.

Ainda de acordo com a visão de Smit (2017), o trabalho com arquivos pessoais é evidentemente interdisciplinar, na medida que envolve o conhecimento arquivístico e de pesquisa. Neste sentido, podemos acrescentar também que acervos pessoais compostos por arquivo e biblioteca necessitam dialogar entre si devido ao elo que os une: a relação com seu titular.

No entanto, é preciso reconhecer a diferença entre a natureza, função e abordagem dos documentos de arquivo e dos documentos de biblioteca, assim como os olhares diferenciados para seu tratamento intelectual. Documentos de arquivo são organizados sob o ponto de vista do contexto. Já em documentos de biblioteca, são organizados sob o ponto de vista do seu conteúdo. Devido a estas diferenças, arquivos e bibliotecas pessoais são separadas fisicamente e dispersadas intelectualmente.

Apesar das diferenças, é possível elaborar um projeto descritivo único de acervos pessoais que promova a organicidade entre os dois conjuntos (arquivo e biblioteca). O uso de regras e normas distintas na organização não deve ser um fator impeditivo para sua realização. Uma abordagem arquivística dominante no acervo, considerando as mútuas articulações e que tenha algumas práticas descritivas comuns pode ser uma saída, ainda que os elementos tradicionalmente estejam submetidos a regras descritivas próprias, como os livros de uma biblioteca pessoal (CAMARGO; GOULART, 2007).

A abordagem e o tratamento dado ao acervo do ex-presidente Fernando Henrique Cardoso mostram que os livros reunidos, resultado das áreas de interesse e das atividades acadêmicas e políticas do titular, partilham contextos específicos

a exemplo do que ocorre com os livros oferecidos a Fernando Henrique Cardoso nas cerimônias de troca de presentes entre chefes de Estado e em tantas outras circunstâncias, inclusive nas anteriores a sua carreira política. As dedicatórias, os cartões de encaminhamento e o registro de entrada de livros no serviço de protocolo do Senado e da Presidência da República permitem delimitar com rigor o contexto imediato que justifica a presença de tais documentos no acervo (CAMARGO; GOULART, 2007, p. 55-56).

Segundo Camargo e Goulart (2007) os livros de uma biblioteca possuem autonomia de significado e constituem unidades de autossuficiência, cuja descrição pode ser feita sem a consideração do contexto em que foram produzidos e acumulados. De fato, livros são dotados de significado próprio, diferente de um documento de arquivo isolado. Contudo, uma biblioteca pessoal possui viés de memória, que vai além de uma catalogação tradicional. Além do aspecto bibliográfico em si, também deve ser considerado seu aspecto bibliológico, metodologia que tem o conhecimento do livro sob o ponto de vista da sua materialidade, assim como ocorre com a catalogação de livros raros. O reconhecimento do contexto sob o olhar arquivístico pode auxiliar na compreensão das marcas de propriedade e de proveniência.

Por isso mesmo, é sugestivo considerar o conteúdo na etapa de tratamento técnico do acervo. Para Camargo e Goulart (2007)

Contexto e conteúdo, afinal, são mutuamente dependentes, assertiva guiada à condição de princípio quando se postula que o próprio conteúdo de um documento pode ser parcialmente compreendido à luz de seu contexto de produção (CAMARGO E GOULART, 2007, p. 49-50)

Alguns acervos pessoais podem conter artefatos e objetos tridimensionais. Assim como é possível incluir num mesmo projeto descritivo os livros de uma biblioteca pessoal, estes também devem demonstrar o vínculo orgânico entre os objetos e as ações que por eles se expressam (CAMARGO; GOULART, 2007). No relato de experiência sobre a organização do acervo do ex-presidente Fernando Henrique Cardoso, Camargo (2015) sobre o desafio de “dar nome” aos objetos tridimensionais. A autora pontua

Se a abordagem contextual coloca no mesmo patamar, para os arquivistas, documentos de natureza diversa (inclusive aqueles que, por tradição e em razão de seu formato, são sempre encaminhados para bibliotecas e museus), não os isenta da difícil tarefa de identificá-los. Trata-se aqui, na verdade, de desafio similar ao que enfrentam os curadores de museus: identificar cada objeto e os nomes pelos quais foram e são conhecidos (CAMARGO, 2015, p.17)

Desse modo, podemos verificar que a abordagem contextual fundamentada na teoria arquivística e a adoção do método funcional tem se mostrado uma estratégia de organização que pode ser aplicada aos acervos pessoais com documentos de arquivo, de biblioteca e de museu.

2.4 Arranjo e descrição: a reconstrução do contexto

Para compreendermos as relações existentes em arquivos, se faz necessário aplicar os procedimentos metodológicos preconizados pela Arquivologia para identificar e organizar de maneira adequada. Assim como em arquivos de natureza institucional, arquivos de cunho pessoal também necessitam de metodologia adequada para sua organização. Arquivos pessoais geralmente são constituídos por documentos de diversas tipologias e com suportes diversos, porém demonstram que são conjuntos orgânicos e estruturados, que acompanham a trajetória do titular.

O arranjo e descrição são etapas fundamentais que permitem revelar as conexões entre os documentos de um mesmo fundo e, também facilitar a consulta pelos instrumentos de pesquisa. Os instrumentos de pesquisa são materiais de referência que identificam, resumem e localizam os fundos e séries documentais e/ou unidades documentais de um determinado arquivo (BELLOTTO, 2006).

No que diz respeito ao tratamento arquivístico, os arquivos pessoais são conjuntos documentais situados na fase permanente, e são identificados como fundos. Para Bellotto, fundo pode ser definido como

conjunto de documentos produzidos e/ou acumulados por determinada entidade pública ou privada, pessoas ou família, no exercício de suas funções e atividades, guardando entre si

relações orgânicas, e que são preservados como prova ou testemunho legal e/ou cultural, não devendo ser mesclados a documentos de outros conjuntos, gerados por instituição, mesmo que este, por quaisquer razões, lhe seja afim (BELLOTTO, 2006, p. 128).

De acordo com Ducrot (1998), a organização de um fundo deve estar baseada nos princípios gerais da arquivologia e, fundamentalmente, no princípio de proveniência ou respeito aos fundos. No entanto, a natureza dos arquivos pessoais demanda uma classificação mais refinada, devido seu valor histórico. Nesta mesma direção, Duranti (1994) preconiza que toda documentação acumulada, seja ela por pessoa física ou jurídica, deve ser mantida de forma coesa, respeitando sua organicidade a fim de refletir sua dinâmica e atividades pela instância ou pessoa responsável que acumulou o arquivo. A partir da organização do fundo, o quadro de arranjo é produzido, de acordo com uma ordenação lógica e sendo conduzido de acordo com cada tipo de arquivo pessoal (DUCROT, 1998).

Ocorre que os arquivos pessoais, segundo Heymann (1997) podem produzir uma “ilusão de unidade”, e não representar o produtor do mesmo modo como ocorre em arquivos institucionais, apesar destes também estarem passíveis de interferências. Para a autora:

No caso dos arquivos pessoais, a ideia de unidade poderia ser atribuída à ilusão de um acúmulo documental pautado sempre pelos mesmos critérios, concomitante e homogêneo com relação aos “fatos” relevantes da vida do titular, além de orientado para constituir uma fonte para a pesquisa histórica. Nesse caso, o encadeamento poderia ser comparado à sequência descritiva dos inventários, nas quais as unidades documentais são geralmente apresentadas seguindo a cronologia do titular. Não há menção às lacunas documentais, à história da constituição daquele acervo – na qual podem ter atuado outros agentes além do titular -, nem as opções que orientaram o trabalho arquivístico e definem um particular arranjo dos documentos entre vários possíveis (HEYMANN, 1997, p. 45)

A compreensão do contexto de produção e acumulação em arquivos pessoais é mais complexa, e perpassa a identificação das escolhas do produtor em preservar determinado documento. Para Oliveira (2012) e Heymann (1997), faz-se necessário também identificar as interferências dos herdeiros, baseados por critérios pessoais que refletem a projeção de determinada imagem para o titular e/ou uma perspectiva sobre o que “deve ser” um arquivo pessoal.

Observadas as devidas particularidades no tratamento técnico dos arquivos pessoais, o arranjo e a descrição se constituem como atividades basilares para a organização aos conjuntos de documentos de natureza pessoal. Segundo o Dicionário Brasileiro de Terminologia Arquivística (2005, p. 37), arranjo pode ser definido como uma “sequência de operações intelectuais e físicas que visam à organização dos documentos de um arquivo ou coleção, de acordo com um plano ou quadro previamente estabelecido”. Neste sentido, o objetivo do arranjo é dar visibilidade às funções e atividades do produtor do acervo, de modo a revelar as ligações entre os documentos.

Ainda em seu artigo, Ducrot (1998), apresenta recomendações práticas para elaboração de quadro de arranjo, e aponta que existem regras gerais e regras próprias para casos específicos, como em arquivos de políticos, escritores, de arquitetos e de cientistas. Em arquivos de escritores, Ducrot (1998) relata que na França a maioria é custodiada por bibliotecas. Além disso, observa que os manuscritos das obras são complemento indispensável dos livros, para o estudo de sua gênese e estão inerentemente ligados às atividades de autor, relacionadas ao processo de criação. Em suma, a autora afirma que a natureza dos documentos e as funções presentes neles, que norteiam a elaboração do quadro de arranjo, são distintas de pessoa para pessoa.

Assim como o arranjo, a descrição arquivística é uma atividade desenvolvida pelo arquivista na qual são elaboradas representações do documento e/ou conjunto documental, explicitando o contexto e seu conteúdo. Na literatura arquivística, a descrição está no centro de inúmeros debates, que vão desde seus aspectos teóricos e históricos aos aspectos práticos, evidenciando a relevância da padronização através do uso das normas e as habilidades do arquivista e sua capacidade de identificar elementos que permitem a compreensão do contexto de produção (ANDRADE; SILVA, 2008). A atividade de descrição se constitui como elemento importante para a compreensão do acervo arquivístico. Segundo Bellotto (2006, p. 179), “o processo de descrição consiste na elaboração de instrumentos de pesquisa que possibilitem a identificação, o rastreamento, a localização e a utilização de dados”. A sua aplicação tem ocorrido com maior frequência em arquivos na fase permanente.

Neste sentido, Lopez (2002) destaca a importância da descrição em um dos manuais da série intitulada “Como fazer”, editada pelo Arquivo do Estado de São Paulo:

Somente a descrição arquivística garante a compreensão ampla do conteúdo de um acervo, possibilitando tanto o conhecimento como a localização dos documentos que o integram. Nesse sentido, podemos afirmar que as atividades de classificação só conseguem ter seus objetivos plenamente atingidos mediante a descrição documental. Sem a descrição, corre-se o risco de criar uma situação análoga à do analfabeto diante de um livro, que ele pode pegar e folhear, mas ao qual não pode ter acesso completo por não possuir meios que lhe permitam compreender a informação. A classificação arquivística, desprovida das atividades de descrição, somente é inteligível para as pessoas que organizaram o acervo (LOPEZ, 2002, p.12).

Podemos observar no trecho acima que a descrição viabiliza o acesso à informação para o usuário final, de modo a registrar elementos como a proveniência em sistemas de descrição arquivística. Cunningham (2007) destaca que é imprescindível a descrição documentar os arquivos em seu contexto e informar as relações entre a atividade de arquivamento e os arquivos criados por pessoas e organizações.

Numa perspectiva histórica, podemos verificar que a atividade de descrição está presente desde o Manual dos Arquivistas Holandeses – considerado um marco para a Arquivologia. No entanto, os estudos no tema descrição na Arquivologia surgem a partir da década de 1980, com o início do processo de construção de normas de descrição de documentos arquivísticos. Até então, as regras utilizadas na descrição arquivística estava baseada princípios da Biblioteconomia (ANDRADE, SILVA, 2008; SOUSA et al, 2006)

Em 1993 foi publicada a primeira versão da ISAD (G), norma que padroniza a descrição arquivística em fundos como um todo e também em partes. Sua estrutura tem como base princípio hierárquico, no qual a descrição é realizada por níveis. Com a aplicação da ISAD (G), a descrição arquivística passa a ser normalizada universalmente, e se torna referência na atividade. Já a ISAAR (CPF) publicada em 1996, é uma norma que visa tratar os pontos de acesso e tem por objetivo garantir a compreensão dos conceitos e uma melhor prática na gestão dos arquivos. A ISAAR (CPF) e a ISAD (G) possuem aspectos complementares, pois permitem a ligação entre as entidades produtoras e os documentos produzido. No contexto brasileiro, além das versões traduzidas das normas ISAD (G)⁴ e ISAAR (CPF), temos a Norma Brasileira de Descrição Arquivística (NOBRADE), que estabelece instruções para a descrição de documentos arquivísticos adaptados para a realidade do Brasil (SOUSA et al, 2006).

Com relação aos arquivos pessoais, Oliveira (2012) compreende que não há diferença na abordagem metodológica dos princípios da Arquivologia em arquivos pessoais, mas que necessitam de “maior atenção na fase de sua representação, tanto no arranjo como também na descrição” (OLIVEIRA, 2012, p. 72).

Em sua tese de doutorado, Oliveira (2010), destaca que a reconstrução do contexto arquivístico faz parte do programa descritivo, sendo um trabalho minucioso de pesquisa. Neste sentido, ela enumera algumas etapas deste trabalho de pesquisa nos arquivos pessoais:

- 1) Levantamento e estudo das fontes biográficas sobre o titular do arquivo;
- 2) Elaboração de cronologia sobre o titular com base nas fontes biográficas e/ou com base na documentação existente no arquivo;
- 3) Elaboração de árvore genealógica da família do titular, visando identificar os relacionamentos familiares e os relacionamentos com outras famílias;
- 4) Identificação dos correspondentes ou personagens (pessoas físicas ou jurídicas) mais recorrentes no arquivo;
- 5) Identificação de eventos e fatos históricos mais recorrentes expressos na documentação e posterior elaboração de verbetes;
- 6) Registros dos resultados da etapa anterior na cronologia elaborada dos documentos existentes no arquivo, de forma a permitir a inserção dos documentos dentro do contexto da vida do titular;

⁴ Apesar do uso da norma ser considerada um avanço na atividade de descrição, existem divergências conceituais na versão brasileira da norma ISAD (G) em relação a versão original. Alguns especialistas afirmam também que sua concepção está baseada em pressupostos biblioteconômicos, o que coloca em risco a ideia de organicidade do acervo. (LOPEZ, 2002)

- 7) Levantamento e estudo de fontes secundárias sobre os correspondentes ou personagens, eventos e fatos históricos recorrentes na documentação e elaboração de notas explicativas;
- 8) Análise dos relacionamentos pessoais e de negócios, assim como do inter-relacionamento entre os documentos e atividades e funções do titular e de seus pares;
- 9) Levantamento do processo de acumulação por parte do produtor e de seus herdeiros. (OLIVEIRA, 2010, p. 47-48)

Por serem constituídos com maior liberdade e sem amarras da legislação (SILVA, 2017), os arquivos pessoais possuem diferenças no processo de acumulação em relação aos arquivos institucionais. Desta forma, deve ser levado em conta diversas informações sobre o indivíduo produtor do arquivo para a reconstrução do contexto.

Outro elemento importante no processo de descrição é a identificação dos tipos e das espécies documentais. O estudo tipológico revela as atividades e ações representadas nos documentos e os inter-relacionamentos. No contexto dos arquivos pessoais, “também permite identificar as formas de comunicação entre o titular do acervo e seus pares e assim estabelecer os laços de relacionamento e os diferentes graus de intimidade” (OLIVEIRA, 2010, p. 45).

Neste sentido, pode-se afirmar que o arranjo e a descrição arquivística são atividades relevantes e se constituem como tema de estudo dentro da Arquivologia. Aos arquivos pessoais, esta importância deve ser vista de igual forma, de modo a observar as peculiaridades que este segmento possui.

O próximo capítulo apresentará um breve histórico sobre o titular do acervo, o processo de aquisição do arquivo e da biblioteca pessoal de Guilherme Figueiredo e sua importância para UNIRIO e para a memória da literatura e do teatro.

3 SOBRE O PRODUTOR E O PROCESSO TRANSFERÊNCIA DE PROPRIEDADE DO ACERVO

Assim como em arquivos institucionais, no qual se faz necessário estudar a trajetória da instituição e de suas funções, é fundamental também o estudo biográfico do titular do arquivo pessoal, sendo uma das etapas que compõem o processo de análise do acervo, com o principal objetivo de identificar fatos, pessoas e instituições que circundaram sua vida. O processo de aquisição do acervo, constitui-se também como etapa importante, pois é o momento propício para coletar informações junto aos doadores do acervo por meio de entrevistas, que podem fornecer elementos sobre as possíveis interferências sofridas e também indicar se o produtor estabeleceu alguma lógica de organização ao arquivo. Segundo Macêdo (2020, p. 147), “conhecer o arquivo, seus documentos constituintes, seu produtor, o período histórico compreendido etc. são partes do papel de pesquisa desempenhado pelo arquivista”.

Desta forma, os tópicos a seguir versarão sobre o perfil biográfico de Guilherme Figueiredo, o processo de transferência de propriedade do acervo para a Biblioteca da UNIRIO, e também seu potencial de pesquisa. O breve histórico sobre o titular teve como base a obra póstuma de memórias, intitulada “A bala perdida” (1998), editado pela TopBooks, na qual Guilherme Figueiredo narra com detalhes diversos momentos de sua vida. O livro conta com um meticuloso índice onomástico, e seu vasto currículo acadêmico e profissional. Neste currículo, Guilherme Figueiredo enumera suas diversas participações em congressos, conferências e também das associações culturais e científicas das quais fez parte. Já o relato sobre o processo de aquisição é uma síntese do processo⁵, que trata da doação do acervo pessoal de Guilherme Figueiredo, bem como as circunstâncias nas quais está custodiado pela Biblioteca Central.

3.1 Perfil biográfico do titular: um homem de letras e das artes

Guilherme de Oliveira Figueiredo nasceu em Campinas (SP), no dia 13 de fevereiro de 1915. Era filho do general do exército Euclides de Oliveira Figueiredo (1883-1963) e de Valentina Silva de Oliveira Figueiredo. Guilherme Figueiredo teve cinco irmãos: Maria Luiza, Diogo, Euclides Filho, Luiz Felipe e João Baptista. Dentre os seus irmãos, destaca-se o João Baptista Figueiredo, que foi presidente do Brasil entre 1979 e 1985, tendo sido o último do

⁵ Processo administrativo UNIRIO nº 23102.000156/2014-51

período da ditadura militar. Seu pai, Euclides Figueiredo, era funcionário federal gaúcho, e durante a Guerra do Paraguai foi transferido para o Rio de Janeiro, onde fundou o Serviço de intendência do exército.

Em função do trabalho de seu pai, veio com sua família para o Rio Janeiro, iniciando sua formação estudantil na Escola Nilo Peçanha e em 1925, quando estava com 10 anos, ingressou no Colégio Militar do Rio de Janeiro onde finalizou seus estudos. No ano de 1932, Guilherme Figueiredo ingressou na faculdade de Direito na Universidade do Rio de Janeiro (atual UFRJ), e se formou em 1936. Durante o período da faculdade, atuou como estagiário da Prefeitura do Rio de Janeiro. Apesar de sua formação jurídica, sua carreira foi curta, tendo atuado como advogado uma única vez, na defesa de seu pai, preso - por ter sido um dos líderes do Movimento Constitucionalista de 1932.

Figura 1 – Euclides Figueiredo e Guilherme Figueiredo durante o Movimento de 1932



Fonte: Figueiredo, Guilherme (1998)

Percebe-se, ao longo do seu livro de memórias, que Guilherme era muito ligado ao pai, o general Euclides Figueiredo. Aos 17 anos, exerceu a função de mensageiro entre seu pai e seus aliados e, por este motivo, acompanhou de perto importantes acontecimentos do Movimento de 1932. Em um dos momentos em que seu pai esteve preso, Guilherme chegou a levar mensagens escritas por ele dentro do seu sapato⁶.

Embora de família de militares e com boa parte de sua formação estudantil em colégio militar, foi o único dentre os filhos homens que não seguiu a carreira. Suas atividades

⁶ Fonte: Entrevista Guilherme Figueiredo ao CPDOC. Disponível em:< <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/historia-oral/entrevista-biografica/guilherme-figueiredo>>. Acesso em: 06 fev. 2021.

profissionais estiveram relacionadas a diversos segmentos, principalmente aos campos artístico, cultural e literário.

A estreia como escritor ocorreu no ano de 1936, com o lançamento de um livro de poesias intitulado *Um violino na sombra*, publicado pelas Edições Pongetti, editora dos irmãos Rodolfo e Ruggero Pongetti, responsável pela publicação de jovens poetas e ficcionistas. Já o seu primeiro romance publicado foi *Trinta anos sem paisagem*, em 1939, pela Editora José Olímpio. Ao longo de sua vida, foi atuante no ofício de escritor, produzindo uma obra vasta em diversos gêneros, composto por contos, poesias, crônicas, romances e críticas literárias. Em 1941 casou-se com Alba Lobo de Figueiredo, com quem teve dois filhos: Luiz Carlos e Marcelo. Alba Lobo Figueiredo era formada em piano, e era filha do político Joaquim José Pereira Lobo. Guilherme Figueiredo e Alba foram casados por 56 anos. Na ocasião do casamento do seu filho, Euclides Figueiredo estava preso e impedido de comparecer ao casamento. Guilherme passou sua lua-de-mel na prisão, ao lado do pai⁷.

Figura 2 – Guilherme Figueiredo e Alba Lobo no dia do casamento, ocorrido em 19 de março de 1941, na Igreja dos Capuchinhos (RJ)



Fonte: FIGUEIREDO, G. (1998)

Sua relação com as letras deu início às suas atividades profissionais em 1932 no segmento jornalístico, como redator, crítico, revisor e cronista de diversas revistas e jornais,

⁷ Fonte: Escritor Guilherme Figueiredo morre aos 82 anos após derrame. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc250506.htm>>. Acesso em: 06 fev. 2021.

tais como “*O Cruzeiro*”, “*A Cigarra*”, “*Diário de Notícias*” e “*O Globo*”. Neste último, atuou como colunista até o ano de sua morte.

Na carreira profissional de Guilherme Figueiredo, sua relação com o teatro deu-se a princípio a partir de 1949, quando exerce a função de professor contratado de História do Teatro, no Conservatório Nacional de Teatro, do Serviço Nacional de Teatro do Ministério da Educação. Vinte anos depois, é admitido como professor titular no Conservatório, que neste mesmo ano, em 1969, fazia parte da Federação das Escolas Isoladas do Estado da Guanabara (FEFIEG), criada pelo Decreto-Lei nº 773 de 20 de agosto de 1969⁸.

Além das atividades de jornalista e docente na área de teatro, Guilherme Figueiredo ocupou o cargo de Direção da TV Tupi, foi relações públicas da Rio Light e da Carvalho Hosken e foi presidente da Fundação de Artes do Estado do Rio de Janeiro (FUNARJ) de 1979 a 1980. Como representante diplomático, atuou como adido cultural do Brasil na França entre 1964 e 1968.

Embora tenha ocupado inúmeros cargos, Guilherme Figueiredo sempre procurou conciliá-los com seu ofício no jornal. No entanto, um mês antes da posse de João Baptista Figueiredo na Presidência da República, Guilherme Figueiredo publicou no “*Jornal do Brasil*” (edição de número 314)⁹, artigo no qual comunicava seu afastamento do jornalismo, alegando não ser coerente conciliar seu ofício com a condição de irmão do Presidente da República¹⁰. É possível observar que apesar da relação afetuosa que tinha com a família, Guilherme Figueiredo buscava desvincular sua imagem de seu irmão. Ele proibiu que suas peças fossem encenadas no Brasil no período em que seu irmão ocupou o cargo de presidente. Quando ocupou cargo de reitor, esperava João Baptista Figueiredo viajar para pleitear melhorias para a universidade junto ao vice presidente, Aureliano Chaves, numa tentativa de demonstrar que não possuía vantagens pelo fato do seu irmão ocupar o cargo.

Com a fusão dos estados da Guanabara e do Rio de Janeiro em 1975, a FEFIEG passa a se chamar FEFIERJ (Federação das Escolas Federais do Estado do Rio Janeiro). Pouco depois, no ano de 1979, foi institucionalizada como Universidade do Rio de Janeiro (UNI-RIO). Guilherme Figueiredo assume o cargo de reitor da UNI-RIO no período de 1978 a 1988, sendo o primeiro reitor da Universidade, hoje chamada Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Em 1980 tornou-se Doutor pela Universidade Federal do Rio de Janeiro

⁸ UNIRIO. História. Disponível em: < <http://www.unirio.br/institucional-1/institucional/historia>>. Acesso em: 06 fev. 2021.

⁹ Fonte: Hemeroteca Digital da BN. *Jornal do Brasil*. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DOCREADER/030015_09/194528>. Acesso em: 07 fev. 2021.

¹⁰ Quando seu irmão deixa o poder, Guilherme Figueiredo retoma suas atividades jornalísticas.

(UFRJ), com a tese intitulada “Tartufo 79 – para uma poética da tradução do teatro em verso de Molière”.

A história do processo de unificação das Escolas Isoladas está presente em diversas passagens do livro de memória de Guilherme Figueiredo. Ele relata como ocorreu a estruturação da universidade, as compras de terrenos e prédios que hoje fazem parte do campus, inclusive o da Biblioteca Central. O prédio da Biblioteca Central era o antigo prédio da Escola de Odontologia da UFRJ, que foi comprado no período da gestão de Guilherme Figueiredo como reitor. Em um dos trechos, ele destaca as benfeitorias realizadas por ele à UNIRIO:

De qualquer modo, sem falsa modéstia, consegui fundar a Uni-Rio. Em pé, dotá-los novos edifícios, salas de aula, salas de experiência musical e teatral, unidade de tratamento intensivo no Hospital Gaffrée e Guinle, e dar-lhe um esplêndido terreno: o da antiga Faculdade de Medicina, à Avenida Pasteur. Ali era meu sonho erigir um anfiteatro no modelo do que havia escolhido entre tantos que visitei na Europa. (FIGUEIREDO, G., 1998, p. 449)

Mas foi como dramaturgo, contudo, que Guilherme Figueiredo obteve projeção nacional e internacional. Estreou em 1948 com a comédia *Lady godiva* e o drama *A greve geral*, ambas montadas na companhia de Procópio Ferreira. Guilherme Figueiredo tinha suas peças voltadas para temas mitológicos e, em sua maioria, com uma abordagem cômica.¹¹ Sua peça teatral de maior repercussão foi *A raposa e as uvas*, tanto no Brasil como no exterior. Ela foi traduzida e encenada em diversos países, tais como Japão, Argentina, França, Espanha, a então União Soviética, Hungria, dentre outros. No Brasil, ela foi encenada por diversas vezes e foi dirigida por Bibi Ferreira.

Outra peça de repercussão, *Um deus dormiu lá em casa (1949)*, foi dirigida por Silveira Sampaio e lançou profissionalmente Paulo Autran e Tônia Carrero, atores consagrados e reconhecidos até hoje.¹² No segmento teatral, Guilherme Figueiredo também foi tradutor das obras de Molière, William Shakespeare e Bernard Shaw.

¹¹ Fonte: GUILHERME Figueiredo. ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2021. Disponível em: < <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa212882/guilherme-figueiredo>>. Acesso em: 07 fev. 2021.

¹² Fonte: Um deus dormiu lá em casa. ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2021. Disponível em: < <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/evento398258/um-deus-dormiu-la-em-casa>>. Acesso em: 07 fev. 2021.

Figura 3 – Com os atores da peça “A raposa e uvas” em Madrid



Fonte: FIGUEIREDO, G. (1998)

Em decorrência do sucesso de suas peças, conquistou inúmeros prêmios e relevantes condecorações, das quais destacamos: Prêmio da Cidade do Rio de Janeiro e da Associação Brasileira de Críticos Teatrais - ABCT, nos anos de 1950 e 1954, o Prêmio Artur Azevedo da Academia Brasileira de Letras (ABL), nos anos 1950 e 1959, a condecoração *Chevalier des Arts et Lettres* (1956), a *Ordre National du Mérite* (1968), ambas do governo francês e da *Oficial del Orden de San Martín* (1980), do governo argentino. Apesar de ter conquistado inúmeros prêmios, Guilherme Figueiredo tentou adquirir o título de imortal pela ABL no ano de 1962. Concorreu com o médico Deolindo Couto e com M. Paulo Filho, porém não conseguiu se eleger. Guilherme obteve 6 votos, M. Paulo Filho dois votos e quem ganhou a eleição foi Deolindo Couto, que somou 25 votos. Após sua derrota, publicou em 1964 o livro “As excelências: ou, como entrar para a Academia Brasileira de Letras”, no qual narra sua experiência na eleição e de maneira sarcástica, descreve troca de favores existentes na ocasião de sua candidatura (FIGUEIREDO, 1998; PEREIRA; COSTA; NEVES, 2019).

Ao deixar o cargo de reitor da UNI-RIO em 1988, Guilherme Figueiredo exerce a função de assessor da reitoria, ficando lotado na Biblioteca Central. Ele também atuou como colunista

do jornal “*O Globo*” até no ano de sua morte. Em 24 de maio de 1997, Guilherme Figueiredo faleceu, aos 82 anos, em decorrência de complicações de um derrame.

3.2 Institucionalização de arquivos pessoais: o processo de aquisição e tratamento técnico do acervo de Guilherme Figueiredo

O acervo de Guilherme Figueiredo é composto pelo seu arquivo pessoal, biblioteca e também por objetos tridimensionais. No entanto, o processo de aquisição na UNIRIO ocorreu em momentos diferentes.

Conforme citado anteriormente, Guilherme Figueiredo passou a ocupar a função de assessor da reitoria, ficando lotado na Biblioteca Central, entre 1988 e 1997, ano de sua morte. O motivo era dar suporte à biblioteca da universidade, criada no seu período de gestão.

Dois reitores consecutivos me contrataram para que eu os assessorasse no meu sonho: dar à Uni-Rio uma biblioteca digna de uma universidade. Dei-lhe os meus livros, catados no Brasil, na Espanha, em Portugal, na França, na Itália, na Inglaterra, raridades compradas, suplicadas a meus amigos, buscadas com fervor em espólios, em sebos, livros que estendem pelas estantes de um casarão que parece um viveiro de pássaros. Meus Shakespeares, meus gregos, meus latinos, meus Molières onde sempre aprendi: é preciso que este país se livre dos harpões, dos tartufos, dos burgueses gentil-homem (FIGUEIREDO, 1998, p. 447).

Além de alguns objetos tridimensionais, como as máscaras teatrais e artísticas que colecionava, estima-se que vieram 7 mil volumes para as instalações da Biblioteca Central (FREIRE; COSTA; ACHILLES, 2017, p. 4). Guilherme Figueiredo tinha uma preocupação com a preservação e a promoção da cultura. A Biblioteca Central da UNIRIO, suas características físicas e do próprio acervo (com documentos arquivísticos, bibliográfico e museológico) nos remetem a um centro cultural. No próprio livro de memórias, Guilherme Figueiredo (1998) cita que a Biblioteca da UNIRIO é em parte um museu, composto por um piano que pertenceu à musicista Ondina Portella Dantas, flautas doces de origem romena e chinesa, cadernos de aula e de programas de teatro da Vera Janacópulos, objetos artesanais doados pelo cenógrafo Pernambuco de Oliveira, dentre outros. Sob influência de Guilherme Figueiredo, a Biblioteca da UNIRIO, chegou a abrigar uma parte do mobiliário que pertenceu ao escritor Machado de Assis. O mobiliário na época foi leiloado e havia sido comprado pelo então Ministro da Educação, Eduardo Portella. No entanto, o acervo ficou sob custódia da UNIRIO por pouco tempo¹³, e hoje encontra-se na Academia Brasileira de Letras.

Acredita-se que este perfil particular da Biblioteca Central da UNIRIO tenha vindo da influência da atuação de Guilherme Figueiredo como adido cultural em Paris e de sua visão

¹³ <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff050734.htm>

inovadora, e também “provavelmente, por ter conhecido os projetos do Centro Georges Pompidou, que funciona como um espaço aberto para diferentes manifestações culturais.” (PEREIRA; COSTA; NEVES, 2019, p. 187). As ideias sobre um perfil de biblioteca inovadora também refletiram na escolha do primeiro diretor da Biblioteca, o professor Hélio Machado. Antes de assumir o cargo, ele ocupou a direção da Biblioteca Modelo Castro Alves, do Instituto Nacional do Livro (INL). O INL apresentava um modelo de biblioteca inovadora em relação aos padrões brasileiros (PEREIRA; COSTA; NEVES, 2019). Guilherme Figueiredo demonstrava grande apreço pela Biblioteca, que leva seu nome: “A Biblioteca Pública da Universidade do Rio de Janeiro, à Avenida Pasteur, é o maior serviço que já prestei ao país. Dele tiro um proveito egoísta: é meu recinto de leitura e estudo.” (FIGUEIREDO, 1998, p. 451).

Logo após o seu falecimento, os filhos procederam à doação dos livros que restavam, cumprindo um desejo do próprio. Atualmente, é possível pesquisar no catálogo on-line da Biblioteca Central da UNIRIO, utilizando o termo “Coleção Guilherme Figueiredo”, cerca de 3 mil registros, em sua maioria identificados pelos autógrafos e dedicatórias ao titular e também pelas marcas intrínsecas e extrínsecas contidas nos livros. Os livros encontram-se reunidos numa sala, denominada Sala de Obras especiais ao lado de outras coleções, como por exemplo, a Coleção Memória da Biblioteconomia. Apesar de muitos itens terem sido oriundos da doação de Guilherme Figueiredo, como os livros de Shakespeare citados em sua biografia, nota-se que sua doação pode fazer parte de outras coleções especiais, como a Coleção Shakesperiana, com mais de mil títulos¹⁴.

Neste sentido, podemos observar que parte da biblioteca particular de Guilherme Figueiredo doada durante a vida titular, tinha o objetivo de contribuir com a formação do acervo da biblioteca, e não com a função de memória. O conjunto de livros doado em vida não possui relação com o conjunto doado após sua morte. Os itens autografados estão identificados e reunidos como “Coleção Guilherme Figueiredo”. Ou seja, os livros da referida coleção são uma redução da biblioteca particular de Guilherme Figueiredo, pois parte encontra-se dispersa no acervo “corrente” e em outras coleções especiais. Podemos observar que essa dispersão dos livros na biblioteca decorre de preferências do produtor e de seus familiares, além de questões políticas de aquisição praticadas pelas instituições custodiadoras de acervos. Embora as doações tenham sido motivadas por causas diferentes, o levantamento dos títulos doados por Guilherme Figueiredo em vida pode possibilitar o enriquecimento do trabalho de organização do acervo e fornecer maiores informações sobre o perfil do titular.

¹⁴ <http://www.unirio.br/bibliotecacentral/acervos-especiais-1>

A biblioteca particular de Guilherme Figueiredo é reflexo da sua trajetória profissional e de sua formação clássica, além de revelar inúmeros hábitos de leitura e escrita. Uma das características do acervo, é que diversos livros contêm autógrafos de seus autores, revelando assim, o prestígio literário e acadêmico em obter obras que hoje não são fáceis de encontrar (FREIRE; COSTA; ACHILLES, 2017). Pelo fato de ser crítico literário e de ter uma rede de amigos composta por artistas e intelectuais, Guilherme Figueiredo também ganhava muitos livros de presente.

Figura 4– Coleção de livros autografados doados por Guilherme Figueiredo



Fonte: Biblioteca Central

O processo de aquisição do arquivo pessoal de Guilherme Figueiredo teve início em 2006, envolvendo muitas idas e vindas na negociação entre a universidade e seus herdeiros (filhos). Os entraves à doação se deram por aspectos financeiros, políticos e principalmente legais (FREIRE; COSTA; ACHILLES, 2017), sendo consolidada somente no ano de 2014. Até o processo de aquisição, o arquivo foi encaixotado em 40 caixas grandes de papelão, e permaneceu guardado em um depósito (PEREIRA; COSTA; NEVES, 2019).

Em janeiro de 2006, Luiz Carlos Lobo de Oliveira Figueiredo, filho mais velho de Guilherme Figueiredo, manifestou interesse por meio de uma carta dirigida à reitora na época, a professora Malvina Tania Tuttman, em doar o arquivo pessoal de seu pai para a UNIRIO. A partir disso, um processo administrativo foi aberto, e iniciou-se um processo de avaliação do acervo por amostragem, coordenado pela diretora do Arquivo Central à época, a professora

Sônia Kaminitz, com o auxílio de dois especialistas, professores das Escolas de Música e Teatro da UNIRIO. Além da avaliação, foi requisitado que o filho de Guilherme Figueiredo providenciasse a organização do acervo e listagem dos documentos contidos nas caixas para o aceite.

A análise empreendida pelos professores considerou que o acervo possui relevância para a Universidade e também para o teatro brasileiro e, por este motivo, a universidade deveria aceitar a doação. Após o parecer favorável, foi dado prosseguimento para a etapa de elaboração do documento de doação. Esta etapa envolveu a participação de diversos setores da universidade, como a Procuradoria, Pró-reitoria de Administração e Pró-reitoria de Extensão. Neste sentido, é importante salientar que a UNIRIO não tinha uma política de aquisição de arquivos pessoais norteando a negociação, e isto certamente contribuiu com a lentidão do processo. Pelas datas registradas nos processos administrativos de nº 23102.000199/2006-27 e do 23102.000378/2009-07, estima-se que a elaboração da minuta do termo de doação levou cerca de três anos. A arquivista da UNIRIO, Alice Veridiana de Sousa (2019), em sua dissertação de Mestrado¹⁵, intitulada *UNIRIO e o arquivo pessoal de Guilherme Figueiredo: a aquisição de acervos arquivísticos privados por instituições públicas de ensino superior*, relata com detalhes como se deu o processo de aquisição do arquivo.

Em 2011 o processo de aquisição foi interrompido em razão do falecimento do filho mais velho de Guilherme Figueiredo, herdeiro responsável pela doação do arquivo pessoal de seu pai. Em 2014, o processo de doação (processo nº 23102.000156/2014-51) do arquivo pessoal foi retomado sob a iniciativa de Marcelo Figueiredo, filho mais novo do titular do arquivo.

Nesta nova manifestação de interesse de doação do arquivo pessoal de Guilherme Figueiredo à UNIRIO, foi solicitado por Marcelo Figueiredo e em comum acordo com os demais herdeiros, que a Biblioteca Central fosse a depositária do arquivo, considerando que já existia parte de seu acervo bibliográfico no local. Em razão do pedido realizado pela família e somado ao fato do Arquivo Central informar que não havia espaço para armazenamento do acervo, o arquivo pessoal de Guilherme Figueiredo foi alocado na Biblioteca Central. Nos autos do processo, é manifestado o interesse do recebimento do acervo por parte do Arquivo Central assim que houvesse espaço físico adequado. Para a direção da Biblioteca Central, a proposta de

¹⁵ SOUSA, Alice Veridiana. **A UNIRIO e o arquivo pessoal de Guilherme Figueiredo: a aquisição de acervos arquivísticos privados por instituições públicas de ensino superior**. 167 f. 2019. Dissertação (Mestrado em Memória e Acervos) - Fundação Casa de Rui Barbosa, Rio de Janeiro, 2019.

reunir o acervo arquivístico, bibliográfico e museológico em um só lugar propiciaria a integração entre as coleções (PEREIRA; COSTA; NEVES, 2017).

Com o parecer favorável da Procuradoria da Universidade em 2014, o arquivo pessoal de Guilherme Figueiredo foi transferido de forma definitiva por meio de termo de doação assinado por Marcelo Figueiredo e do reitor à época, o professor Luiz Pedro San Jutuca. A doação firmou a cessão universal dos direitos patrimoniais à UNIRIO, no qual dispensa consulta prévia dos familiares no que diz respeito a quaisquer tipos de atividade com fins culturais e de pesquisa a ser realizada sobre o acervo arquivístico.

Conforme exigência para o recebimento do acervo, foi contratada pela família a empresa responsável pela organização do acervo, chamada Agência Contemporânea de Pesquisa que, ao final do trabalho, entregou relatório sobre o tratamento físico e intelectual dos documentos. O relatório está estruturado em três seções:

A) Na primeira parte do relatório, encontramos o quadro de arranjo elaborado pela empresa contratada.

B) A segunda parte dispõe uma listagem numérica do quadro de arranjo, com uma descrição sumária do que cada caixa-arquivo contém, sem especificar a data limite.

C) A terceira parte do relatório está segmentada em outros três relatórios de pesquisa.

C.1) O primeiro apresenta uma nota biográfica sobre o titular do acervo e narra o contato inicial com o arquivo que estava encaixotado há 15 anos. Com a abertura das caixas, foi realizada uma triagem dos documentos, anotando-se as identificações nelas encontradas. A triagem identificou uma grande quantidade e diversidade de documentos, que necessitaria de tempo e recursos para o processamento técnico individualizado. No entanto, de acordo com os interesses da família, o trabalho de organização do arquivo durou cerca de três meses. Ainda de acordo com o primeiro relatório de pesquisa, a equipe da empresa identificou a existência de quatro grupos de documentos, que são: documentos textuais (cartas, bilhetes, manuscritos), documentos iconográficos (fotos avulsas e álbuns), periódicos (jornais e revistas) e documentos administrativos (relativos à UNIRIO). Devido ao cronograma estipulado para o tratamento do acervo, o trabalho de organização teve foco nos documentos textuais, considerado pela empresa a parte mais importante do arquivo. Nesta primeira triagem, alguns conjuntos documentais foram identificados.

C.2) O segundo relatório de pesquisa mostra como foi realizado o trabalho de seleção e classificação dos documentos textuais, apresenta alguns conjuntos documentais e descreve sumariamente seu conteúdo.

C.3) O terceiro relatório de pesquisa apresenta uma descrição geral do acervo e informações biográficas do titular. Nesta parte, também é relatado o processo de acondicionamento dos documentos. Foram realizados procedimentos de conservação como a limpeza dos documentos, retirada e grampos e cliques enferrujados e acondicionamento do acervo em novas caixas identificadas de acordo com o quadro de arranjo estabelecido pela empresa contratada.

Após o tratamento, o acervo possui 102 caixas-arquivo, além dos pacotes embrulhados, cadernos e anotações e diversos álbuns de fotografias. A organização do arquivo está agrupada em dois conjuntos: 1.1 Documentos textuais e 1.2 Periódicos. No grupo de documentos textuais temos as seguintes séries: obra, correspondência, família, atividades variadas e diversos.

O conjunto documental denominado “periódicos” contém muitos recortes de jornais, “como uma espécie de clipping sobre a vida profissional de Guilherme [...]. A temática dos recortes se refere às crônicas e às críticas literárias publicadas em diferentes jornais, às entrevistas por ele concedidas e aos anúncios de seus livros e peças” (PEREIRA; COSTA; NEVES, 2019, p. 184). Apesar de não existirem séries específicas para os periódicos, é possível constatar pela listagem numérica do quadro de arranjo disponibilizada no relatório que estão organizadas por assunto. Para melhor compreensão do arranjo e séries adotadas para o arquivo de Guilherme Figueiredo, o quadro a seguir ilustra a organização que lhe foi conferida.

Quadro 1 – Quadro de arranjo do Arquivo pessoal de Guilherme Figueiredo, com base no relatório do acervo entregue pela empresa contratada pela família

1.1 DOCUMENTOS Conjunto de documentos referente a vida profissional, manuscritos e correspondência ativa e passiva e do titular e de seus familiares	SÉRIE OBRA I) TV e rádio II) Música III) Ópera IV) Ballet V) Cinema VI) Manuscritos VII) Literatura VIII) Teatro
	SÉRIE CORRESPONDÊNCIA I) Correspondência recebida em português II) Correspondência em língua estrangeira III) Correspondência enviada IV) Correspondência enviada + recebida V) Cartões e bilhetes

	<p>SÉRIE FAMÍLIA</p> <p>I) Alba II) Alba e Guilherme III) Valentina Figueiredo IV) Euclides Figueiredo V) João Batista Figueiredo VI) Filhos VII) Netos VIII) Familiares diversos</p>
	<p>SÉRIE ATIVIDADES VARIADAS</p> <p>Direitos autorais, galeria Debret, Casa França-Brasil, pareceres e laudos, adido cultural, discursos e palestras, assuntos diversos, UNIRIO.</p>
	<p>SÉRIE DIVERSOS</p> <p>Escritos de outros autores, documentos pessoais, panfletos, Paulo Duarte, Eduardo Portella.</p>
<p>1.2 PERIÓDICOS</p> <p>Este conjunto documental reúne clippings sobre o que era divulgado na imprensa a respeito dos seus trabalhos como escritor e teatrólogo, bem como entrevistas, e crônicas escritas por Guilherme Figueiredo em diversos jornais e revistas</p>	<p>JORNAIS</p> <p>Assuntos diversos, escritos diversos, matérias sobre Guilherme, periódicos internacionais, João Batista Figueiredo, Entrevistas Guilherme, Revolução de 1932, notas em colunas, Franco Zeffireli, reportagens especiais</p> <hr/> <p>CRÔNICAS</p> <p><i>Um dia depois do outro, O Globo, Diário de Notícias</i></p> <hr/> <p>TEATRO</p> <p><i>Um deus dormiu lá em casa, A raposa e as uvas</i>, panfletos, diversos</p> <hr/> <p>REVISTAS</p>

Conforme a organização atribuída, a *Série Obra* é composta por 26 caixas; a *Série Correspondência* por 12 caixas; *Série Família* por 7 caixas; *Série Atividades variadas* por 10 caixas; *Série diversos* por 10 caixas, sendo 2 de fotografias. O conjunto de fotografias possui aproximadamente 1174 itens, contendo fotografias de Guilherme Figueiredo em diversas épocas, de seus familiares, de seus espetáculos, em premiações e com grandes personalidades da literatura, teatro e TV, tais como: Antônio Candido, Lygia Fagundes Telles e Tônia Carrero (PEREIRA; COSTA; NEVES, 2017, p.183).

Outros objetos eram colecionados por Guilherme Figueiredo, além das máscaras artesanais que hoje estão na Biblioteca Central da UNIRIO. Dentre os itens estão incluídos: cachimbos, discos de vinil, fitas cassetes e brinquedos de teatro. A coleção de vinil foi vendida para a Legião da Boa Vontade (LBV), com sede em Brasília. No entanto, a Biblioteca possui alguns discos vinil que foram doados em vida por Guilherme Figueiredo, assim como alguns brinquedos de teatro, em sua maioria, marionetes. Também foram doados em vida, duas poltronas de veludo provenientes do Théâtre Sarah Bernhardt e o quadro “Les tons dorés de l’Amazone” de Marcel Abougit. (PEREIRA; COSTA; NEVES, 2019). Algumas medalhas recebidas por Guilherme Figueiredo também se encontram sob guarda da Biblioteca Central. No final de 2019, Ana Figueiredo, neta do titular do acervo, doou alguns cachimbos e fitas cassetes contendo entrevistas, palestras em eventos, outros livros autografados e documentos pessoais tais como passaporte.¹⁶

Desde o recebimento do arquivo no espaço da Biblioteca Central da UNIRIO, houve poucos avanços na organização e descrição do acervo. No entanto, algumas pesquisas acadêmicas já foram realizadas a partir do arquivo, como por exemplo a dissertação da arquivista Alice Veridiana de Sousa e, também, duas apresentações em eventos (uma nacional e uma internacional), e um artigo de periódico escrito por servidores da instituição. Como uma maneira de divulgar o acervo de Guilherme Figueiredo, em 2021 foi realizada a exposição virtual “Guilherme Figueiredo: múltiplos olhares”, promovida pela Biblioteca Central em parceria com a Pró-reitoria de Extensão e Cultura, na qual a trajetória e personalidade do titular foram apresentadas por meio dos seus documentos, como fotografias, recortes de jornais e entrevistas.

¹⁶ Informação extraída em : REUNIÃO SOBRE O ACERVO GUILHERME FIGUEIREDO 2020 12 15. Por Labogad UNIRIO. [Rio de Janeiro]: Labogad UNIRIO, 2020. 1 vídeo (104 min), Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=uOXG9u6FRMA>>. Acesso em: 26 nov. 2021.

3.3 O acervo pessoal de Guilherme e seu potencial informativo para memória da literatura e do teatro

A preservação da memória tem sido tema amplamente discutido no contexto pós-moderno, e os arquivos, bibliotecas e museus estão no cerne deste processo de formação da memória coletiva. Segundo Cook (2018) são estas “casas de memória” os agentes que influenciam aquilo que deve ser lembrado ou esquecido pela sociedade. Partindo deste pressuposto, observa-se que os arquivos pessoais podem estar inseridos neste cenário, pois os documentos fazem parte de um ideário pessoal, que integrou um grupo político/artístico e produziu documentos que contam a história de uma época.

Segundo Santos (2012)

Os arquivos pessoais, ao representarem uma parcela da memória coletiva, contribuem ao lado dos arquivos de origem institucional para a salvaguarda do patrimônio documental e a compreensão das sociedades modernas. Interessam como fonte de pesquisa e são dotados de uma singularidade. Não se criam com uma finalidade histórica e cultural inicial, mas são formados por homens e mulheres ao longo de uma vida, e adquirem ‘valor’ testemunhal por um gesto de quem os produziu e/ou de quem identificou e lhes atribuiu significado social e cultural (SANTOS, 2012, p. 21)

Além de ser uma importante fonte de pesquisa biográfica, o acervo pessoal de Guilherme Figueiredo pode ser considerado relevante devido a seu potencial informativo, principalmente para a instituição que realiza sua salvaguarda, a UNIRIO, pois sua trajetória perpassa a história da instituição. Segundo Silva (2017), os arquivos pessoais apresentam documentos que registram atuações profissionais e muitas vezes preenchem lacunas da documentação institucional. Ou seja, além da documentação de cunho pessoal, é muito comum que arquivos pessoais de homens públicos acumulem também “documentos oficiais”, documentos referentes aos cargos ocupados por seus titulares. No caso do arquivo de Guilherme Figueiredo, não é diferente. No quadro de arranjo série atividades variadas, existe uma parcela significativa de documentos sobre a UNIRIO, como por exemplo, fotografias e discursos proferidos na condição de reitor.

A relação entre Guilherme Figueiredo, a UNIRIO e principalmente a Biblioteca é visível em seu livro de memórias. Talvez isso explique o pedido dos herdeiros para que o arquivo ficasse ali custodiado, e não no Arquivo Central. Ele menciona sua consideração pela Biblioteca em diversos momentos. Observa-se também que Guilherme Figueiredo pode ser considerado um grande apoiador que contribuía com o fortalecimento da unidade. No livro, ele cita uma

quantidade expressiva de doações que a Biblioteca recebeu de pessoas que faziam parte do seu círculo de amizade.

Neste contexto, podemos observar pela trajetória de Guilherme Figueiredo, uma tentativa de garantir uma “imortalidade” pelo menos no âmbito institucional da UNIRIO, tendo em vista que sua candidatura na ABL não foi bem-sucedida. Atrelada a uma relação de afeto com a universidade e com a Biblioteca, a escolha do local de guarda do acervo também possui um significado memorialístico. Segundo Heymann (2012), a custódia institucional define as formas narrativas e os contextos informacionais por meio dos quais os arquivos serão disponibilizados ao pesquisador. O ingresso do arquivo na UNIRIO contribui com a legitimação de seu capital simbólico para a instituição.

A constituição do arquivo pessoal de Guilherme Figueiredo revela a natureza múltipla de documentos ali existente, demonstrando também suas inúmeras facetas profissionais. Como foi possível observar em seu breve perfil biográfico, a trajetória de Guilherme Figueiredo está ligada ao universo das artes, principalmente à literatura e ao teatro. O arquivo possui originais diversos de obras de sua autoria, cadernos de anotações profissionais e pessoais. Também existe uma grande quantidade de recortes de jornais devido à sua atuação como cronista e pelo fato de Guilherme Figueiredo ter o costume de guardar artigos de jornais que citavam seu nome ou de alguma de suas obras.

É possível verificar pelo quadro de arranjo uma considerável documentação referente à vida de seu pai, Euclides Figueiredo, personalidade importante no cenário político, tais como: “coleção de discos de vinil com hinos do Movimento Constitucionalista, livro com assinaturas de mulheres em apoio a sua participação no Movimento, livros, dentre outros objetos.” (PEREIRA; COSTA; NEVES, 2019, p. 183).

A acumulação de documentos de outros integrantes da família, pode indicar a existência de outros arquivos de pessoas dentro do acervo pessoal de Guilherme Figueiredo ou até mesmo revela, como no caso do acervo do ex-presidente Fernando Henrique Cardoso, que também acumulou documentos de seu avô e de seu pai, parcelas representativas de um interesse pelos antepassados, e não chegam a constituir fundos orgânicos (CAMARGO; GOULART, 2007).

Segundo Bellotto (2006), o arquivo pessoal como fonte de pesquisa pode atuar de diversas formas:

Ele pode ser usado como documentação básica, como documentação alternativa, como documentação subsidiária ou documentação paralela. O mesmo conjunto documental serve de uma forma ou de outra em relação à pesquisa proposta. Isso depende do tema, das hipóteses levantadas, da perspectiva da abordagem do próprio fio condutor que o documento evidencia ao historiador e não o contrário. (BELLOTTO, 2006, p. 268)

Neste sentido, as possibilidades de uso conferidas ao arquivo pessoal podem auxiliar pesquisas sobre a história de vida do titular, servir de testemunho de afirmações cujos fundamentos não são encontrados em outros documentos públicos ou privados (fonte alternativa), atuar como ilustrativas de argumentos desenvolvidos a partir de outro material (fonte subsidiária) ou corroborar informações contidas nos documentos públicos, com conotação enfática do mesmo documento (fonte paralela) (BELLOTTO, 2006).

No contexto do teatro, a documentação do arquivo de Guilherme Figueiredo pode ser uma importante fonte de pesquisa, tendo em vista sua atuação como dramaturgo e também docente de história do Teatro no antigo Conservatório Nacional de Teatro. É possível observar no arquivo pessoal de Guilherme Figueiredo, que para uma mesma peça teatral escrita por ele, existe uma série de documentos relacionados, tais como: originais da peça com anotações, convites, anúncios, programas de teatro, croquis de indumentárias e fotos das diversas apresentações realizadas no Brasil e em outros países.

De acordo com o quadro de arranjo descrito pela equipe contratada pela família, podemos identificar também uma quantidade significativa de cartas acumuladas no arquivo. A série correspondência reúne cartões, bilhetes e cartas (enviadas e recebidas), e revela a rede de sociabilidade de Guilherme Figueiredo com diversos intelectuais da época. Correspondências não apenas do titular, mas também de sua esposa Alba, de sua mãe Valentina, do seu irmão João Batista Figueiredo e de seus filhos. A correspondência pode auxiliar na reconstrução de redes de sociabilidade (profissionais e pessoais) e de relações de poder do titular do acervo, e ser uma importante fonte de pesquisa.

Diante do exposto, essa breve biografia de Guilherme Figueiredo e o relato da aquisição de seu acervo pessoal permitem-nos perceber que o seu acervo poderá contribuir para a realização de pesquisas sobre sua trajetória intelectual, profissional e política, bem como sua relação com o universo do teatro e da literatura. Os registros documentais propiciam a possibilidade de conhecer e compreender um pouco mais sobre o contexto de uma época. No entanto, para que isso ocorra, é fundamental a realização de um tratamento arquivístico adequado, que considere as atividades e funções do titular, na tentativa de reconstruir a organicidade da documentação.

4 A ORGANIZAÇÃO DO ACERVO PESSOAL DE GUILHERME FIGUEIREDO

A organização de um arquivo pessoal pode possibilitar maior compreensão da trajetória de vida do produtor do acervo, desde que tenha como fundamento a reconstrução do contexto de produção e acumulação dos documentos e das conexões entre os conjuntos documentais. Desta forma, a instituição de custódia, seja ela arquivo, biblioteca ou centro de documentação, deve conceder ao arquivo tratamento arquivístico adequado nas atividades de identificação, descrição e acesso ao público.

Este capítulo tem por finalidade analisar a atual organização do acervo pessoal de Guilherme Figueiredo, custodiado pela UNIRIO, observando a metodologia adotada para o tratamento técnico dos registros documentais que compõem o arquivo e biblioteca pessoal do escritor e teatrólogo. É importante destacar que a análise sobre a organização do arquivo pessoal está baseada no relatório de pesquisa fornecido pela empresa contratada pela família do titular como condição de doação do acervo à Universidade no ano de 2014. Além disso, apresentamos uma proposta de organização alternativa para o arquivo de Guilherme Figueiredo e algumas recomendações para a catalogação dos livros da sua biblioteca pessoal. Apesar do arquivo e da biblioteca terem sofrido outras interferências, consideramos que a sugestão poderá colaborar na tentativa de restituir os conjuntos documentais e evidenciar sua organicidade.

4.1 Arquivo

A análise sobre o tratamento técnico empregado no arquivo pessoal de Guilherme Figueiredo tem por objetivo propor uma reorganização do fundo, com um novo quadro de arranjo com base nas funções e atividades do titular. Como ainda não existe um instrumento de pesquisa para o arquivo, elaboramos também uma proposta de inventário que servirá como ponto de partida para a descrição sumária dos grupos, em conformidade com o arranjo sugerido.

Para dar subsídio à análise, identificamos no relatório de organização do acervo o que havia sido descrito como conjunto de cada série e, a partir de então, contrapomos com base em autores da Arquivologia, os pressupostos metodológicos relevantes no processo de organização de um arquivo pessoal.

4.1.1 Análise e tratamento documental: proposta de reorganização do acervo

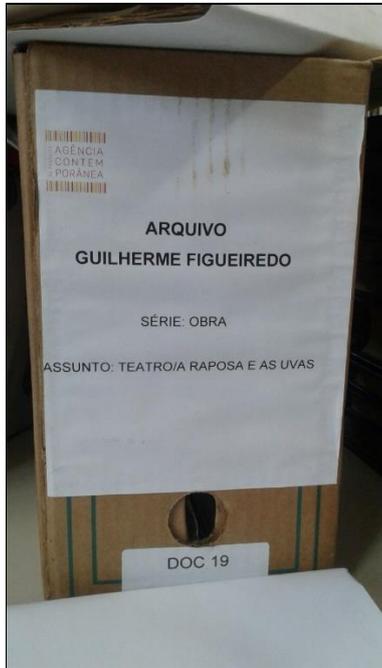
Conforme já mencionado no capítulo anterior, a organização do arquivo de Guilherme Figueiredo realizada em 2013 pela Agência Contemporânea de Pesquisa teve foco nos

documentos textuais e nos periódicos (jornais e revistas). As fotografias e os cadernos de anotações não foram incluídos no quadro de arranjo.

No primeiro grupo denominado “documentos”, é possível observar que este abrange os documentos textuais, composto por cinco séries: obra, correspondência, família, atividades variadas e diversos. Os documentos textuais encontrados que integram o grupo são cartas, manuscritos, bilhetes, recibos, impressos e datilografados, tanto rascunhos, como originais e cópias.

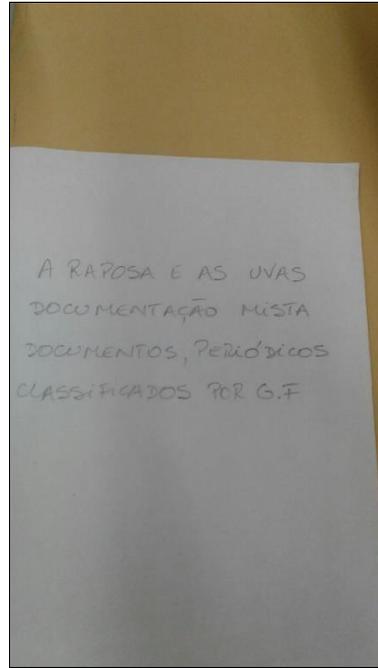
A **Série Obra** está dividida em 8 subgrupos, que contêm documentos referentes a atuação profissional de Guilherme Figueiredo. No relatório, existem uma breve apresentação dos arranjos. Dentre eles, está o primeiro subgrupo I) TV e rádio. Nele, estão reunidos documentos ligados à atuação de Guilherme Figueiredo na TV Tupi tais como roteiros, peças radiofônicas, anteprojetos. Os subgrupos II) Música; III) Ópera; IV) Ballet; V) Cinema e VI) Manuscritos não há uma descrição, apenas destaca a existência de letras de música de autoria de Guilherme Figueiredo, de argumentos cinematográficos e coreografias para ballet. O subgrupo VII) Literatura está dividido pelas seguintes categorias: escritos, escritos diversos, editoras, escritos em língua estrangeira, poesia e prova de livro (Rondinella). O subgrupo VIII) Teatro também se encontra dividido por categorias: tartufo (peça), tartufo (peça e tese), a raposa e as uvas, documentos diversos, sociedade brasileira de autores teatrais, antologia do teatro brasileiro, escritos, escritos em língua estrangeira, documentos diversos em língua estrangeira, folders. O relatório menciona que o conjunto documental “a raposa e as uvas” foi criado pois havia muitos documentos relacionados ao assunto. A peça teatral “a raposa e as uvas”, escrita por Guilherme Figueiredo, foi uma das obras de maior destaque, encenada em diversos países e conquistou prêmios. As fotos que seguem abaixo demonstram a organização atribuída fisicamente nas caixas e um dos dossiês encontrados.

Figura 5 – Caixa-arquivo
Arquivo pessoal



Fonte: Foto tirada pela autora

Figura 6 – Dossiê encontrado no conjunto de
Guilherme Figueiredo documentos sobre a peça de
teatro “A raposa e as uvas”



Fonte: Foto tirada pela autora

A **Série Correspondência** está dividida em 5 subgrupos, contendo a correspondência pessoal e profissional do titular (cartas recebidas e expedidas, bilhetes e cartões). O primeiro subgrupo I) Correspondência recebida em português se segmenta em sete categorias: diversos, intelectuais, corpo diplomático, irmãos, Lygia Ras, Vladimir Hvízdala, Fernão (Fernando Mendes de Almeida). As cartas recebidas por intelectuais estão organizadas em ordem alfabética, de acordo com o último sobrenome dos destinatários. Dentre os missivistas que integram os conjuntos de correspondência, podemos destacar alguns nomes tais como: Mário de Andrade, Jorge Amado, Carlos Drummond de Andrade, Plínio Doyle, Pedro Nava, José Olympio, dentre outros. Em sequência estão os subgrupos II) Correspondência recebida em língua estrangeira; III) Correspondência enviada (aos pais, aos irmãos, aos filhos, diversos); IV) Correspondência mista (enviada + recebida) e VI) Cartões e bilhetes. O relatório destaca a existência de duas cartas em específico. A primeira escrita por Plinio Doyle, diz respeito à sua tentativa de completar a coleção de crônicas escritas por Guilherme Figueiredo para o Arquivo do Museu de Literatura da Casa de Rui Barbosa. A segunda é uma carta de seis páginas escrita

por Jorge Amado, dando um depoimento sobre a importância de Guilherme Figueiredo para o teatro brasileiro.

Segundo Oliveira, Silva e Sobral (2019), as cartas nos arquivos pessoais demarcam o vínculo entre os correspondentes, e podem indicar ações no desempenho de suas funções, ou ainda, ser representantes da sociabilidade entre sujeitos. É possível verificar na série correspondência do arquivo de Guilherme Figueiredo uma quantidade significativa de cartas com personalidades e intelectuais de sua época, demonstrando sua ampla relação de amizade com pessoas do meio artístico e cultural. No entanto, é provável que muitas cartas possam ser fruto de suas atividades como escritor e teatrólogo. Dentre os correspondentes está o Vladimir Hvizdala, tradutor das peças de Guilherme Figueiredo para o tcheco. As correspondências trocadas entre Guilherme Figueiredo e Mário de Andrade também podem ser uma prévia do que viria a ser publicado pelo intelectual em seu livro “A lição do guru: cartas a Guilherme Figueiredo (1937-1945)”. Estes vínculos não estão sinalizados no arranjo e com isso, as cartas não mantêm relações orgânicas com o restante do acervo.

Neste sentido, Oliveira, Silva e Sobral (2019) reconhecem que

a produção epistolar necessita ser representada no processo de organização a partir de uma abordagem contextual ampliada, e que considere a gênese documental. A simples identificação do conjunto de cartas sob o termo *correspondência* na representação do arranjo e da descrição produz instrumentos de acesso que não possibilitam a produção de uma ponte efetiva de comunicação entre o documento e o usuário (OLIVEIRA; SILVA; SOBRAL, 2019, p. 92)

O terceiro grupo de documentos textuais é a **Série família**, e foi dividida em 8 subgrupos, sendo a maioria pelo nome do membro da família do titular: I) Alba; II) Alba e Guilherme; III) Valentina Figueiredo; IV) Euclides Figueiredo; V) João Batista Figueiredo; VI) Filhos ; VII) Netos; VIII) Familiares diversos. O relatório contém uma descrição sumária do que cada subgrupo contém, e a grande maioria dos documentos são correspondências. O relatório não explicita qual foi a motivação dessa série ter sido criada, tendo em vista que existe uma série específica para as correspondências. Não é possível afirmar se foi uma categoria criada originalmente pelo titular ou se criada pela empresa que organizou o acervo. A respeito dos arquivos pessoais e familiares, Mariz, Silva e Cordeiro (2020) afirmam que os arquivos de família são conjuntos que reúnem documentos de várias pessoas que têm relações de parentesco entre si, fazendo uma rede de relações. Um indivíduo ao longo da vida, produz e acumula documentos que registram atividades e acontecimentos que envolvem um ou mais indivíduos de sua família. A delimitação entre arquivo familiar e arquivo pessoal pode ser complexa, podendo ser uma ação artificial que prejudica o contexto de produção.

As duas últimas séries intituladas **Série atividades variadas** e **Série diversos** reúnem documentos relativos à atuação de Guilherme Figueiredo como adido cultural, discursos, panfletos, documentos pessoais e documentos sobre a UNIRIO. Não é possível afirmar também por qual motivo estes documentos foram incluídos em uma série atividades variadas, sem identificação do contexto, uma vez que os documentos estão atrelados a uma atividade desempenhada pelo titular durante sua vida profissional e pessoal. Sobre esta falta de contexto nos arquivos pessoais, Camargo e Goulart (2007) observam que diferentemente dos arquivos institucionais, cuja abordagem tem o efeito de reduzir o caráter polissêmico de textos escritos, os arquivos pessoais são prolíferos em documentos desprovidos de metadados, tais como as fotografias, as anotações e outros objetos. Por muitas vezes tais conjuntos são retirados do seu contexto e são reunidos sob a forma de miscelânea, ou têm por destinação final o descarte.

O segundo grupo de documentos, intitulado **Série periódicos/jornais** é formado por 37 caixas-arquivo de recortes de jornais, separados por assunto. É possível identificar que uma parcela desta série é de crônicas, resultado da atividade de jornalista do titular. Guilherme Figueiredo também acumulou uma grande quantidade de matérias e notas jornalísticas que citavam seu nome e/ou das peças de sua autoria. Esta série também contém por 6 caixas-arquivo de recortes de jornais sobre o cineasta Franco Zeffirelli. Guilherme Figueiredo acusou o cineasta de ter usado sua ideia de roteiro para o filme “Jovem Toscanini” sem sua autorização. Após inúmeras contestações e de um longo processo judicial em tribunais internacionais que durou cerca de 10 anos, o desfecho foi desfavorável para Guilherme Figueiredo nos tribunais da França, que não reconheceram em última instância e existência de plágio. O arquivo também possui recortes de jornais que relatam sua desavença com o então ministro da Educação, Eduardo Portella.

Camargo (2009) pontua que os recortes de jornal comumente são uma parcela pouco apreciada no universo dos arquivos pessoais. Por vezes, o foco exclusivamente no conteúdo se sobrepõe às marcas funcionais que lhe são incorporadas ao contexto de uso daquele determinado produtor. A funcionalidade dos recortes em arquivos pessoais pode ser diversa: apreciação da crítica de sua obra, cobertura sistemática dos eventos de que participou ou que julgou relevantes, assuntos de sua preferência, dentre outros.

Em sua tese de doutorado, Campos (2018) aborda a presença dos recortes de jornais nos arquivos pessoais e observa a acumulação de recortes de jornal como reflexo de uma prática social antiga. No entanto, o tratamento tem sido frequentemente marginalizado, apesar da existência de conjuntos volumosos em inúmeros arquivos pessoais, a exemplo do arquivo de Guilherme Figueiredo. Para Campos (2018), assim como o termo correspondência é generalista

para identificação das espécies documentais, a expressão “recortes de jornais” também é. Apesar do desafio no tratamento, o autor ressalta que compete ao arquivista enquadrar os documentos em seu meio genético, ligando-os ao seu contexto de acumulação. Neste sentido, Campos (2018) afirma que

“Documentos pessoais”, “correspondência”, “recortes de jornal” são exemplos de termos genéricos e coletivos frequentemente empregados para descrever certos tipos de documentos de natureza pretensamente semelhante. Entretanto, tal artifício pode ser uma armadilha perigosa, ao obscurecer um amplo leque de espécies e tipos documentais que tipicamente se manifestam na esfera da identificação civil, dos atos de relação e no universo das matérias publicadas na imprensa periódica, documentos que, embora possam guardar certa afinidade no que tange ao formato ou à funcionalidade, ostentam estruturas formais e semânticas próprias, além de características típicas que lhes confere identidade e os tornam, portanto, diferentes entre si. (CAMPOS, 2018, p. 87)

Além dos documentos textuais e dos recortes de jornal, o arquivo possui cerca de 1174 fotografias de diversas épocas. Possui fotografias de Guilherme Figueiredo com os pais, irmãos, esposa e filhos e também de cunho profissional, que registram as montagens de peças escritas por ele bem como as inúmeras premiações que recebeu e grandes personalidades da literatura e teatro com quem conviveu. Organizados por álbuns e por sua maioria em temáticas específicas, revelam uma preocupação do produtor em registrar e eternizar os acontecimentos pelo uso da fotografia (PEREIRA, COSTA e NEVES, 2019). As fotografias abaixo são exemplos de registros da sua vida pessoal e de sua atividade profissional.

Figura 7 – Encenação da peça “A muito curiosa matrona de Éfeso”, autoria de Guilherme Figueiredo. Na foto estão os atores Sérgio Brito, Francisco Cuoco, Fernanda Montenegro e Nathalia Timberg em 1956



Fonte: FIGUEIREDO, G. (1998)

Figura 8 – Guilherme Figueiredo com a esposa Alba e os filhos



Fonte: FIGUEIREDO, G. (1998)

Apesar do grande volume de fotografias, o tratamento arquivístico do acervo não englobou a organização dos álbuns fotográficos (PEREIRA, COSTA e NEVES, 2019). Por um lado, presume-se que o fato das fotografias não terem sofrido nenhuma interferência de terceiros poderá contribuir para melhor organização. Por outro lado, observa-se que os documentos fotográficos mesmo sendo considerados documentos arquivísticos, possuem peculiaridades e, por esta razão, costumam passar por procedimentos distintos de descrição/arranjo, gerando sua desvinculação dos demais documentos. No entanto, a falta de tratamento para este segmento do acervo, não revela totalmente seu potencial informativo, tendo em vista que não é conhecido na sua integralidade.

Segundo Mariz e Cordeiro (2019), a fotografia em arquivos pessoais e familiares somaram-se aos demais documentos como parte integrante do acervo, em razão da sua crescente produção e de conseqüente acumulação. A depender do titular do acervo e de sua trajetória profissional e pessoal, arquivos podem contar com um número maior ou menor de fotografias. No caso do arquivo pessoal de Guilherme Figueiredo, existe uma quantidade substancial de

fotografias. A necessidade de descrição de documentos fotográficos é apontada por diversos autores da área. Dentre eles, Manini (2016), destaca que:

Nos arquivos, é recomendável e necessário que a fotografia e o documento fílmico sejam tratados, sob determinado aspecto, como documentos iguais aos demais: devem compor arranjos, ser descritos e classificados, ter seu lugar nos instrumentos de pesquisa e se tornar recuperáveis e acessíveis. O mais importante a se considerar são as particularidades da fotografia e do filme, que os diferenciam das demais espécies documentais. Existem dois exercícios que se estabelecem entre a imagem e o profissional da informação: o resumo (descrição sucinta da imagem) e o levantamento de descritores ou termos de indexação. Nestes processos, o estatuto da imagem propõe – e exige – aplicação e atenção diferenciadas, visto ser a imagem um texto de diferente aplicação e leitura. Primeiramente, há uma atividade que se torna imprescindível à identificação completa – ou mais completa possível – de um documento fotográfico: a pesquisa histórica e iconográfica (MANINI, 2016, p. 109).

A partir desta análise, a organização do arquivo de Guilherme Figueiredo não deve prescindir das relações entre os documentos com as inúmeras atividades desenvolvidas pelo titular. Conforme se constatou, ao longo de sua trajetória, Guilherme Figueiredo atuou como escritor, cronista, teatrólogo, professor e foi um indivíduo que estabeleceu relações políticas e sociais relevantes para o contexto de sua época.

Desse modo, podemos verificar que o método funcional é considerado o mais indicado para o tratamento do acervo. Segundo Camargo e Goulart (2007), o uso do método funcional demanda a identificação das atividades imediatamente responsáveis pelos documentos, e evita a instabilidade e polissemia nas grandes categorias classificatórias. Sendo assim, a proposta de reorganização do acervo será baseada nas funções/atividades, de modo que todos os materiais que o compõem sejam tratados com esta metodologia, independente do suporte.

4.1.1.2 Quadro de arranjo proposto para o acervo Guilherme Figueiredo

O quadro de arranjo foi elaborado como uma proposta de organização alternativa que pode ser implementada no arquivo pessoal de Guilherme Figueiredo, destacando-as de acordo com sua vida e atuação profissional. A partir da investigação do perfil biográfico e da elaboração da cronologia de vida do titular, a organização do fundo refletirá nos grupos e nos subgrupos apresentados as funções e atividades desempenhadas por Guilherme Figueiredo. No nível de dossiê e espécie/tipologia documental, o arranjo não é exaustivo e sim ilustrativo, pois é necessário realizar a identificação de todos os documentos existentes no arquivo.

Segundo Silva (2012)

A elaboração do quadro de arranjo é a “alma” da organização dos arquivos pessoais, pois é a fase que pressupõe maior conhecimento sobre a trajetória da pessoa, fruto da pesquisa realizada, e a que mais necessita dos conhecimentos da teoria Arquivística. O quadro deve espelhar a gama de atividades exercidas pelo produtor do arquivo e, ainda, contribuir para a compreensão do conteúdo dos documentos, refletindo as atividades desempenhadas pelo

cientista durante sua trajetória profissional, bem como de sua vida pessoal (SILVA, 2012, p. 96).

Conforme apresentado no capítulo anterior, o arquivo pessoal de Guilherme Figueiredo passou por múltiplas interferências após sua morte. O quadro de arranjo sugerido tem por objetivo reconstituir o contexto de produção e acumulação dos documentos, visto que as funções e atividades desempenhadas pelo titular do acervo deram origem aos registros documentais que integram o arquivo.

Com a nova proposta de quadro arranjo, será preciso redefinir também a ordenação¹⁷ dos documentos, que será diferente da anterior. Esta tarefa demanda uma nova interferência no acervo, e deverá ser executada com atenção e cuidado por parte do arquivista e de sua equipe na etapa de identificação de cada item, de maneira a averiguar as relações entre eles, bem como a atividade que os gerou.

¹⁷ De acordo com o Dicionário de Biblioteconomia e Arquivologia, ordenação pode ser definida como uma operação de arranjo metódico de documentos, segundo um plano de classificação, com a finalidade de conservá-los e, se for o caso, recuperá-los posteriormente. (CUNHA; CAVALCANTI, 2008, p. 270)

Quadro 2 - Quadro de arranjo proposto para o arquivo pessoal de Guilherme Figueiredo

Grupo	Subgrupo	Dossiê	Tipo/espécie documental
1. Vida pessoal	1.1 Documentos pessoais 1.2 Relações familiares 1.3 Relações de sociabilidade		
2. Formação e carreira	2.1 Aluno do Colégio militar do Rio de Janeiro 2.2 Aluno do Curso de Direito da UFRJ 2.3 Aluno do Doutorado em Letras da UFRJ 2.4 Prêmios e condecorações		
3. Atividade docente	3.1 Professor contratado de História do teatro do Conservatório Nacional de Teatro 3.2 Professor titular de História do Teatro do Conservatório Nacional de Teatro 3.3 Professor adjunto da Faculdade de Letras da UFRJ		
4. Atividade diplomática	4.1 Adido cultural 4.2 Membro da delegação do Brasil na Assembleia da ONU		
5. Atividades de gestão	5.1 Reitor UNIRIO 5.2 Presidente FUNARJ 5.3 Diretor da TV Tupi 5.4 Assessor da reitoria da UNIRIO		
6. Atividade publicitária	6.1 McCann Erickson Publicidade		
7. Atividade jornalística ou na imprensa	7.1 Redator 7.2 Revisor		
8. Produção literária e teatral	8.1 Literária (por obra)	8.1.1 Um violino na sombra	8.1.1.1 Versões originais

	8.2 Teatral (por obra)	8.2.1 A raposa e as uvas	8.1.1.2 Contratos com editores 8.1.1.3 Livro (Biblioteca) 8.2.1.1 Traduções 8.2.2.2 Adaptações 8.2.2.3 Croquis
9. Participação em associações culturais e científicas	9.1 Fundador e sócio benemérito da Orquestra Sinfônica Brasileira 9.2 Conselheiro da Sociedade Brasileira de Autores Teatrais 9.3 Presidente da Associação Brasileira de Escritores 9.4 Presidente do Centro Brasileiro de Teatro do IBECC 9.5 Membro da Academia Campinense de Letras 9.6 Membro do PEN Clube Brasil 9.7 Membro da Associação Brasileira de Imprensa 9.8 Membro do Sindicato dos Jornalistas Profissionais 9.9 Membro correspondente do Institut de France 9.9 Membro da Hispanic-American Society (New York, EUA) 9.11 Fundador e membro do Conselho universitário da Uni-Rio 9.12 Fundador e membro de Curadores da Casa França-Brasil 9.13 Vice-presidente da Sociedade Brasileira de Autores Teatrais		

<p>10. Participação em congressos, conferências e seminários</p>	<p>10.1 Congresso do Institute of International Education 10.2 Conferência dos secretários de comissões fulbright 10.3 I Seminário Estadual de Educação 10.4 IV Congresso Nacional de Educação 10.5 I Seminário de ensino da língua inglesa e literatura americana 10.6 Conferência “O teatro no renascimento”</p>		
--	---	--	--

Fonte: Elaborado pela autora.

Podemos observar que esta nova abordagem leva em conta a trajetória de vida do titular do arquivo. A organização e tratamento dos arquivos pessoais deve estar pautada nas razões que deram origem aos documentos, ou seja, em seu valor probatório. Esta premissa leva em conta a natureza arquivística do documento e também o que a Arquivologia preconiza enquanto princípio. Neste sentido, consideramos que o método funcional é uma ferramenta necessária para a manutenção da organicidade em arquivos pessoais.

A aplicação desta abordagem já vem sendo utilizada na organização de arquivos pessoais. A experiência de Camargo e Goulart (2007) no acervo do ex-presidente Fernando Henrique Cardoso é um exemplo prático do que as autoras defendem como metodologia para tratar arquivos pessoais. Apesar da subjetividade e da informalidade que os documentos podem apresentar, o seu entendimento deve estar pautado em seu contexto de produção. Assim como no quadro de arranjo proposto para o arquivo de Guilherme Figueiredo, a classificação dos documentos do acervo de Fernando Henrique Cardoso está pautada nas funções da vida do titular, aos cargos (profissionais e políticos) exercidos por ele e também à sua vida privada. Outro exemplo é o arquivo de Epifânio Dória, custodiado pelo Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGSE), Arquivo Público do Estado de Sergipe (APES) e Biblioteca Pública Estadual Epifânio Dória (BPED). Tendo em vista a fragmentação do arquivo, Campello (2015) demonstra que a aplicação do método funcional foi fundamental para recuperação dos vínculos orgânicos.

O quadro de arranjo proposto também inclui os livros da biblioteca de Guilherme Figueiredo. Os livros autorais, por exemplo, podem ser considerados produtos finais da produção literária do titular e, portanto, possuem função de prova. Ducrot (1998, p.165) observa que em arquivos de escritores “os manuscritos sucessivos das obras são um complemento indispensável dos livros, para o estudo da sua gênese”. Esta afirmativa só reforça a necessidade dos arquivos e bibliotecas de um mesmo produtor não sejam separadas. Além dos livros como prova da produção literária do titular, será possível identificar a partir das relações de sociabilidade de Guilherme Figueiredo as obras recebidas por ele como presente e recebidas no exercício da função de crítico literário.

Da mesma forma que os documentos institucionais, os arquivos pessoais podem ter uma lógica de acumulação. Na abordagem funcional, é possível recuperar as conexões e identificar os vínculos entre os documentos. No conjunto de documentos de natureza pessoal, o contexto de produção e acumulação está relacionado a acontecimentos em sua vida pessoal, profissional, social e estão atreladas as funções ocupadas e atividades realizadas.

4.1.1.3 Instrumento de pesquisa: elaboração de inventário

De acordo com Lopez (2002) a elaboração de instrumentos de pesquisa se constitui como atividade essencial para qualquer instituição custodiadora de acervos, e é considerada uma etapa inerente à organização de um arquivo. No entanto, antes da elaboração dos instrumentos de pesquisa, é importante que o profissional estabeleça prioridades e leve em conta alguns fatores, tais como: política de descrição, relevância do acervo e a necessidade do usuário.

Segundo Bellotto (2006) os instrumentos de pesquisa são vitais para o processo historiográfico, e se constituem como via de acesso aos documentos, agindo como desencadeadores de pesquisa. A descrição e o arranjo são atividades intrinsecamente ligadas e complementares entre si. Sobre esta relação, Lopez (2002) afirma que a descrição sem a existência de um quadro de arranjo, não demonstra o panorama de cada série documental. Com a combinação entre o arranjo e a descrição de um acervo num instrumento como o inventário, por exemplo, é possível garantir o acesso pleno aos acervos.

Com relação ao arquivo de Guilherme Figueiredo, existe no relatório de organização do acervo uma descrição sumária de alguns conjuntos documentais contidos no quadro de arranjo. No entanto, não é possível saber, por exemplo, as datas-limite de cada série. Neste caso, consideramos que o instrumento de pesquisa mais indicado para o arquivo de Guilherme Figueiredo seria o inventário, no qual as funções e atividades são elementos principais presentes na divisão dos grupos e subgrupos. Os inventários buscam oferecer um quadro sumário de fundos e coleções, e tem por objetivo descrever as atividades, as séries integrantes, o volume dos documentos, as datas-limite e os critérios de classificação e ordenação (LOPEZ, 2002).

Para elaboração da proposta de inventário do arquivo pessoal de Guilherme Figueiredo, nos baseamos no Manual de organização de arquivos pessoais da Fundação Oswaldo Cruz/Casa de Oswaldo Cruz (FIOCRUZ/COC). A principal norma de descrição utilizada pela FIOCRUZ/COC é a Norma brasileira de descrição arquivística (NOBRADE). Os campos de descrição estão divididos em 6 tópicos, que são: I) Área de identificação; II) Área de contextualização; III) Área de conteúdo e estrutura; IV) Área de condições de acesso e uso; V) Área de fontes relacionadas e V) Área de notas. Outras normas internacionais são utilizadas para o controle e descrição dos pontos de acesso.

Segue, abaixo, quadro elaborado a título de exemplo, para ilustrar a proposta de inventário, no nível de descrição do grupo.

Quadro 3 - Proposta de inventário arquivo pessoal Guilherme Figueiredo	
I. IDENTIFICAÇÃO	
Código de referência	GF.AG
Título do grupo	Atividades de gestão
Data-limite	xx-xx
Dimensão e suporte	Documentos textuais: xx metros Documentos iconográficos: xx itens
Nível de descrição	Grupo
II. CONTEXTUALIZAÇÃO	
Nome do produtor	Guilherme de Oliveira Figueiredo (1915-1997)
História administrativa/Biografia	Nasceu em 13 de fevereiro de 1915, em Campinas/SP, filho do general do exército Euclides de Oliveira Figueiredo e de Valentina Silva de Oliveira Figueiredo. Em função do trabalho de seu pai, veio residir com a família do Rio Janeiro, iniciando sua formação estudantil na Escola Nilo Peçanha e em 1925, quando estava com 10 anos, ingressou no Colégio Militar do Rio de Janeiro onde finalizou seus estudos. No ano de 1932, Guilherme ingressou na faculdade de Direito na Universidade do Rio de Janeiro (atual UFRJ), e se formou em 1936. Apesar de sua formação jurídica, sua trajetória profissional é reconhecida no segmento artístico, cultural e literário. Ao longo de sua vida, foi atuante no ofício de escritor, contendo uma obra vasta em diversos gêneros, composto por contos, poesias, crônicas, romances e críticas literárias. Exerceu diversas funções no segmento jornalístico, tais como redator, crítico e cronista de diversas revistas e jornais. Foi professor de História do teatro no Conservatório Nacional de Teatro. Ocupou o cargo de Direção da TV Tupi, Relações públicas da Rio Light e da Carvalho Hosken e foi Presidente da Fundação de Artes do Estado do Rio de Janeiro (FUNARJ) de 1979 a 1980. Como representante diplomático, atuou como Adido cultural do Brasil na França entre

	1964 e 1968. Foi reitor da FEFIERJ (atual UNIRIO) de 1978 a 1988. Obteve projeção nacional e internacional como dramaturgo, e suas peças teatrais foram encenadas em diversos países. Morreu em 24 de maio de 1997, no Rio de Janeiro.
História arquivística	Após 9 anos a morte de Guilherme Figueiredo, seu filho Luiz Lobo Figueiredo entrou em contato com a UNIRIO, a fim de doar o arquivo pessoal de seu pai. Em 2011, o processo de aquisição foi interrompido em decorrência do falecimento de Luiz Lobo Figueiredo. No ano de 2014 foi retomado por Marcelo Figueiredo, filho mais novo de Guilherme Figueiredo. Como condição para o recebimento do acervo, o arquivo foi organizado previamente por uma empresa contratada pela família, do qual forneceu relatório com o quadro de arranjo, listagem numérica das caixas. Em dezembro de 2014 o processo de aquisição foi concluído com a assinatura do termo de doação, firmando cessão universal dos direitos patrimoniais do arquivo para a UNIRIO.
Procedência	Doação de Marcelo Lobo de Oliveira Figueiredo
III. CONTEÚDO E ESTRUTURA	
Âmbito e conteúdo	Reúne relatórios, cartas, discursos, fotografias, entre outros documentos referentes a atividades de gestão
Sistema de arranjo	Subgrupo Reitor UNIRIO Subgrupo Presidente FUNARJ Subgrupo Diretor da TV tupi
IV. CONDIÇÕES DE ACESSO E USO	
Idioma	(Identificar quais são os idiomas dos documentos do arquivo, além do português)
V. FONTES RELACIONADAS	
Unidades de descrição relacionadas	(Outros arquivos ou acervos que mantêm relação com o fundo. Neste campo

	podem ser incluídas informações sobre a biblioteca pessoal do produtor, caso haja alguma relação com o grupo)
--	---

Fonte: Elaborado pela autora

Neste caso, o tipo de inventário a ser adotado seria o inventário sumário. Segundo Lopez (2002, 29), os inventários “buscam oferecer um quadro sumário de um ou mais fundos ou coleções”. À medida que o processo de organização dos conjuntos documentais forem avançando, é possível realizar uma descrição mais aprofundada nos subgrupos, dossiês e itens.

O código de referência incluído no exemplo representa apenas a sigla do produtor do arquivo e do grupo. É recomendável que a UNIRIO ou a Biblioteca Central, na condição de unidade administrativa vinculada à universidade, realize o Cadastro Nacional de Entidades Custodiadoras de Acervos Arquivísticos (CODEARQ), para obtenção do código de identificação da entidade custodiadora. O objetivo do cadastro é intercambiar informações em âmbito nacional e internacional.

Além disso, é importante a escolha de uma base de dados para armazenar as informações sobre o arquivo. A informatização do acervo poderá contribuir com sua difusão e facilitará o processo de descrição. Neste sentido, sugerimos o uso do software ICA-AtoM como base de dados para o arquivo pessoal de Guilherme Figueiredo. O ICA-AtoM é um software livre e de código aberto, que tem sido amplamente utilizado por diversas instituições arquivísticas brasileiras e está em conformidade com os padrões de descrição. Em relação a outros softwares, como por exemplo os que são utilizados para a catalogação de itens bibliográficos, o ICA-AtoM está voltado para a descrição arquivística, proporcionando a percepção da organicidade existente entre os conjuntos documentais e evidenciando o vínculo entre eles.

4.2 Biblioteca

De uma maneira geral, a descrição de um item bibliográfico não depende das circunstâncias nas quais foi produzido. Ou seja, o livro não mantém relações orgânicas com outros volumes do acervo, diferente dos documentos de arquivo, que foram produzidos a partir de uma atividade, seja ela por uma instituição ou pessoa.

Ocorre que no caso dos livros de uma biblioteca pessoal, a sua origem e formação está diretamente ligada ao seu proprietário. Segundo Bessone (2014), a formação das bibliotecas está vinculada às necessidades acadêmicas, profissionais ou simplesmente por preferências

personais. Para Azevedo (2010) os livros representam um retrato social e antropológico do possuidor. Neste sentido, é necessário um olhar diferenciado para além da descrição bibliográfica tradicional, que inclua também a contextualização do item bibliográfico com sua origem e ligação com outros documentos, como os documentos de arquivo.

No entanto, essa prática não é totalmente desconhecida na Biblioteconomia. A utilização do contexto e da individualidade do livro é bastante utilizada na catalogação de obras raras. De acordo com Sundström e Silva (2018)

A catalogação de obras raras requer detalhes de descrição mais específicos para identificar características singulares e inerentes desses documentos, assim, o registro bibliográfico desse tipo de documento é mais exaustivo. Esse fato ocorre porque esses documentos apresentam informações importantes do seu processo de fabricação, do contexto histórico, social e político no qual foram produzidos, e podem conter informações intrínsecas e extrínsecas que os individualizam e que possibilitam compreender as diversas maneiras nas quais foram utilizados (Sundström e Silva 2018, p. 118).

Apesar do objetivo da catalogação de uma obra rara ser diferente da catalogação de um livro de uma biblioteca pessoal, alguns aspectos podem ser incorporados para sua descrição. A análise bibliológica e a pesquisa bibliográfica se constituem como etapas para a descrição de livros raros (PINHEIRO, 2012). Essa metodologia contextualizada prevê uma análise personalizada do item, de maneira a identificar os elementos que o fazem ser único dentro da coleção. No caso os livros raros, a pesquisa bibliográfica tem por objetivo recuperar informações sobre sua “história, raridade e importância, à luz dos processos sociais que constituíram cenários de sua produção e salvaguarda.” (PINHEIRO, 2012, p. 6).

Em bibliotecas pessoais, podemos acrescentar também a pesquisa documental como uma etapa para a descrição de livros. Se os itens bibliográficos são parcelas de acervos pessoais, se faz necessário uma averiguação sobre os motivos que levaram este indivíduo a ter aquele determinado livro em sua biblioteca. Como citamos no capítulo anterior, a formação da biblioteca pode revelar as relações sociais estabelecidas por uma pessoa ao longo de sua vida, ser prova de uma atividade, ou ainda ter natureza probatória: a publicação de um livro é prova de uma produção intelectual. É possível afirmar ainda que a pesquisa documental pode ser o ponto de partida para se estabelecer os vínculos orgânicos entre o arquivo e a biblioteca de uma mesma pessoa, pois os documentos do arquivo podem documentar a formação da biblioteca.

É importante ressaltar que, o tratamento dos documentos de diversas naturezas (arquivístico, bibliográfico e museológico) devem seguir padrões específicos, de maneira a tornar explícitas as relações entre as partes. Neste sentido, verifica-se que para os livros de uma biblioteca pessoal a catalogação de nível detalhado é a mais adequada. A Biblioteca Central já

vem fazendo o trabalho de identificação das marcas de proveniência e de propriedade na Biblioteca de Guilherme Figueiredo, conforme podemos observar na figura a seguir:

Figura 9– Registro de item bibliográfico da Biblioteca de Guilherme Figueiredo

Detalhes da obra		
	Inf. publicação	Livros - Português
	Número de chamada	
	Classificação	641.5
	Notação	F475c
	Ent. princ.	Figueiredo, Guilherme, 1915-1997
	Título	Comes & bebes : (ensaio de culinária e gastronomia) / Guilherme Figueiredo.
	Título de capa	[Comes e bebes]
	Imprenta	Rio de Janeiro : Civilização Brasileira, 1978.
	Desc. física	154 p. ; 21 cm.
	Notas	
	Gerais	Em convênio com o Instituto Nacional do Livro. Ministério da Educação e Cultura
	Gerais	Exemplar 167826 pertence a Coleção Guilherme Figueiredo
	Locais	Exemplar 167826 com autógrafo do autor para sua esposa Alba em 1978
	Locais	Exemplar 167826 com ex-líbris de Guilherme Figueiredo
	Locais	Exemplar 167826 com anotações e correções do texto feitas pelo autor
	Locais	Coleção Guilherme Figueiredo
	Assuntos	1. Culinária - Discursos, ensaios, conferências 2. Gastronomia - Discursos, ensaios, conferências
	Link do título	http://biblioteca.sophia.com.br/5782/index.asp?codigo_sophia=28412

Fonte: Biblioteca Central/UNIRIO

O exemplo mostra a descrição de um livro de autoria de Guilherme Figueiredo. No entanto, ainda não envolve a contextualização com os documentos do arquivo pessoal. Com a proposta de reorganização do arquivo, será possível desenvolver um projeto descritivo único, relacionando documentos como anotações, rascunhos, obras originais contidas no arquivo com o livro na biblioteca, que se constitui elemento de prova daquela produção intelectual. O levantamento documental das relações de sociabilidade por meio das correspondências do titular, por exemplo, também poderá indicar a origem de alguns itens bibliográficos, pois Guilherme Figueiredo era frequentemente presenteado por seu círculo de amizade com livros.

As observações sobre a biblioteca e a proposta alternativa de organização do arquivo pessoal de Guilherme Figueiredo têm por objetivo colaborar com o tratamento técnico do acervo, retratando uma opção de organização pautada nas atividades e funções desenvolvidas

pelo titular. As recomendações poderão contribuir efetivamente com a reconstrução da organicidade dos conjuntos documentais, conforme preconizado pela teoria arquivística.

5 CONCLUSÃO

A pesquisa desenvolvida teve como eixo a identificação e análise do acervo pessoal de Guilherme de Figueiredo, custodiado pela Biblioteca Central da UNIRIO, de forma a propor uma organização que preserve os vínculos entre atividades e documentos e estabeleça as relações funcionais entre os documentos do arquivo e da biblioteca. Apresentar o panorama conceitual e histórico dos arquivos pessoais na Arquivologia foi relevante para fundamentar o presente estudo e reafirmar a importância das teorias que contribuíram, e contribuem tanto nos arquivos institucionais como nos pessoais, para a compreensão e aperfeiçoamento do universo arquivístico. Nesse sentido, podemos considerar que o lugar onde o arquivo pessoal está custodiado não deve determinar as escolhas metodológicas para sua organização.

O acervo pessoal de Guilherme Figueiredo e a história de sua constituição e acumulação pelo produtor se mostraram um bom exemplo para discutir a relação orgânica entre os registros documentais do arquivo pessoal e os livros da biblioteca do titular. A organicidade está presente não apenas nos documentos arquivísticos, mas também nos documentos bibliográficos, que refletem as atividades de Guilherme Figueiredo como escritor, teatrólogo, professor, crítico literário e indivíduo que possuía apreço pela leitura.

A partir do estudo sobre estas relações, constatamos a pouca produção bibliográfica tratando especificamente a respeito do tema em arquivos pessoais. De maneira geral, os estudos que abordam os arquivos pessoais comumente ressaltam seu aspecto memorialístico ou do seu tratamento sob viés arquivístico, mas não ampliam a discussão para uma abordagem que possa englobar outros acervos (bibliográfico e museológico) pertencentes à mesma pessoa.

Ao traçar o perfil biográfico de Guilherme Figueiredo, elemento fundamental para compreensão do seu acervo, podemos reconhecer a sua importância para a história do teatro e da literatura brasileira. Apresentar a trajetória do titular, nos permitiu também constatar a potencialidade do acervo para elucidar momentos políticos relevantes do país, associados às carreiras de seu pai, Euclides Figueiredo, e de seu irmão, João Baptista Figueiredo, que ocupou a presidência da República, entre 1979 e 1985. Além disso, o arquivo revela as diversas possibilidades de uso do acervo, inclusive como fonte histórica sobre a origem da UNIRIO, pois Guilherme Figueiredo foi o primeiro reitor da universidade e idealizador da Biblioteca Central, como um espaço cultural que abrigasse acervos bibliográficos, arquivísticos e museológicos.

No que se refere à história arquivística do acervo e seu processo de institucionalização, podemos verificar que este passou por múltiplas interferências que ocorreram tanto pela ação

dos seus herdeiros como pela empresa responsável pela organização, ficando suscetível a constantes modificações e reorganizações, que retiraram alguma lógica de acumulação que o titular mantinha. Com relação à escolha do local de guarda do arquivo, foi possível constatar que o titular mantinha uma relação de afeto com a Biblioteca, que já abrigava o seu acervo bibliográfico. Podemos verificar também que a biblioteca de Guilherme Figueiredo, não está reunida na totalidade, pois o acervo que pertenceu ao escritor está disperso também em outras coleções especiais e no próprio acervo corrente, pois os livros doados pelo titular em vida tinham por objetivo contribuir com o fortalecimento da Biblioteca da UNIRIO como unidade de informação. Ainda assim, é possível verificar que a coleção reflete a formação clássica do titular, suas atividades profissionais e seus hábitos de leitura.

Apesar dos livros não terem sido criados para servir de prova, as bibliotecas pessoais apresentam relações com seu produtor, com sua trajetória profissional e acadêmica e seus interesses pessoais. Esta constatação não deve ser ignorada no tratamento técnico do acervo, de maneira a garantir sua contextualização.

Em arquivos pessoais, o tratamento alicerçado nas atividades e funções do produtor se mostra mais adequado, espelhando de maneira mais assertiva o contexto de produção dos documentos. A identificação do contexto é diretriz primordial para o tratamento técnico tanto dos arquivos institucionais como também em arquivos pessoais. Levando em consideração que um indivíduo exerce funções e desenvolve inúmeras atividades, o método funcional se mostrou necessário para garantir a organicidade do conjunto e viabilizar a recuperação e acesso aos documentos. Neste sentido, a proposta de um novo quadro de arranjo possibilita maior compreensão sobre as atividades desempenhadas por Guilherme Figueiredo, refletindo por meio da organização dos registros documentais os vínculos profissionais, afetivos e sociais. Os grupos 9 (participações em associações culturais e científicas) e 10 (Participação em congressos, conferências e seminários) do quadro de arranjo proposto indicam atividades que não puderam ser identificadas de maneira explícita com as funções do titular, pois não foi possível acessar os documentos para verificar com segurança em qual contexto foram produzidos¹⁸. Com a distribuição das atividades de acordo com as funções exercidas por Guilherme Figueiredo, será possível garantir maior relação funcional com os documentos. Tais grupos poderão e devem ser revisitados posteriormente.

Para o entendimento sobre o acervo, se faz necessário também a elaboração de instrumento de pesquisa que forneça informações sobre o acervo e os critérios que nortearam

¹⁸ Em virtude da pandemia de COVID-19 não foi possível realizar consultas presenciais ao acervo.

sua organização. Por este motivo, recomendamos a elaboração do inventário sumário do arquivo pessoal de Guilherme Figueiredo, que poderá ser o ponto de partida para um projeto descritivo mais detalhado. Além disso, o conhecimento mais aprofundado sobre os documentos do arquivo, permitirá estabelecer conexões com os outros documentos, inclusive da biblioteca do titular, e assim, representar pelo tratamento técnico, a sinergia entre os acervos.

A partir do exposto, é possível reconhecer que a documentação acumulada no arquivo pessoal de Guilherme Figueiredo se relaciona, sob vários aspectos, com sua biblioteca. Por este motivo, para compreender o acervo, é necessário entendê-lo como um todo indissociável, no qual os documentos arquivísticos podem revelar a origem de muitos livros e, também, circunstanciar o processo de criação das obras produzidas pelo escrito e dramaturgo. Desse modo, é fundamental a realização de um trabalho interdisciplinar com o acervo, para o entendimento de maneira mais completa, que permita a recuperação dos contextos. Esse entendimento só enriquecerá a qualidade dos instrumentos de pesquisa de ambos os acervos e no seu acesso.

Espera-se que discussão sobre a organicidade dos arquivos pessoais e as bibliotecas pessoais empreendida neste trabalho possa contribuir para os debates acerca do tema no universo arquivístico e, assim, ampliar o espaço de diálogo com outras áreas do conhecimento.

REFERÊNCIAS

[19ª sessão] Ciclo de palestras “As marcas de proveniência e cultura material”: o livro como documento de arquivo. Por Ana Maria Camargo. [s.l]: GEPPBD – patrimônio bibliográfico e documental, 2020. 1 vídeo (82 min.). Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=MBIGcIR6z4w&list=PLnINKSYswWXkX8_MgkldCsGhwODOoEy5d&index=19>. Acesso em: 05 dez. 2021.

ALMEIDA, R. G. C. de; MATTOS, R. de. Arquivos pessoais de interesse público e social: as articulações entre arquivo e biblioteca. In: CAMPOS, J. F. G. (Org.). **Arquivos pessoais: fronteiras**. São Paulo: Associação de Arquivistas de São Paulo, 2020. Disponível em:

<<https://www.arqsp.org.br/wp-content/uploads/2021/02/CAMPOS-2020-Arquivos-pessoais-fronteiras.pdf>>. Acesso em: 05 abr. 2021.

ANDRADE, R. S.; SILVA, RUBENS, R.G. da. Aspectos teóricos e históricos da descrição arquivística e uma nova geração de instrumentos arquivísticos de referência. **PontodeAcesso**, Salvador, v. 2, n. 3, p. 14-29, dez. 2008.

ARAÚJO, C. A. A. Epistemologia da Arquivologia: fundamentos e tendências contemporâneas. **Ci. Inf.**, Brasília, v. 42, n. 1, p.50-63 jan./abr., 2013. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/1394>>. Acesso em: 26 out. 2020.

ASSOCIAÇÃO ITALIANA DE BIBLIOTECAS. **Linee guida sul trattamento dei fondi personali**. 2019. Disponível em: <<https://www.aib.it/struttura/commissioni-e-gruppi/gbaut/strumenti-di-lavoro/linee-guida-sul-trattamento-dei-fondi-personali/>>. Acesso em: 09 dez. 2020.

AZEVEDO, F. C. A doação da biblioteca João do Rio ao Real Gabinete Português de Leitura: aspectos de uma história pouco conhecida. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 15, n. 3, p. 233-249, set./dez./ 2010. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1413-99362010000300013>>. Acesso em: 05 dez. 2021.

AZEVEDO, F. C.; COSTA, E.S. da; SILVA, K. L. Bibliófilas sim! Breve apontamentos sobre duas bibliotecas de mulheres brasileiras. **Herança**, Portugal, v. 3, n. 1, p. 87-123, out. 2020. Disponível em: <<https://revistas.ponteditora.org/index.php/heranca/article/view/231>>. Acesso em: 05 dez. 2021.

BELLOTTO, H. L. **Arquivos permanentes: tratamento documental**. 4 ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

BESSONE, T. M.. **Palácios de destinos cruzados: bibliotecas, homens e livros no Rio de Janeiro, 1870-1920**. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2014.

BRANDO, D. C.; MEREGE. A. L. Arquivos privados na Biblioteca Nacional. **Revista do arquivo público mineiro**, Belo Horizonte, v. 45, n. 2., jul./dez. 2009. Disponível em: <http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/acervo/rapm_pdf/20092A07.pdf>. Acesso em: 19 jan. 2020.

CAMARGO, A. M. de A.; GOULART, S. **Tempo e circunstância**: a abordagem dos arquivos pessoais: procedimentos metodológicos adotados na organização dos documentos de Fernando Henrique Cardoso. São Paulo: Instituto Fernando Henrique Cardoso, 2007.

CAMARGO, A. M. de. Arquivos pessoais são arquivos. **Revista do arquivo público mineiro**, Belo Horizonte, v. 45, n. 2, jul./dez. 2009. Disponível em: <http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/acervo/rapm_pdf/2009-2-A02.pdf>. Acesso em: 11 dez. 2020.

CAMARGO, A. M. de A. Objetos em arquivos: algumas reflexões sobre gênero documental. In: SEMINÁRIO SERVIÇO DE INFORMAÇÃO EM MUSEUS, 1., 2010, São Paulo. [Anais...]. São Paulo: Pinacoteca de São Paulo, 2010. Disponível em: <<http://biblioteca.pinacoteca.org.br:9090/bases/biblioteca/322837.pdf>>. Acesso em: 25 jan. 2022.

CAMARGO, A. M. de A. Sobre espécies e tipos documentais. In: CAMARGO, A. M. de A. et al. **Dar nome aos documentos**: da teoria à prática. São Paulo: Instituto Fernando Henrique Cardoso, 2015. Disponível em: <https://fundacaoofhc.org.br/files/dar_nome_aos%20documentos.pdf>. Acesso em: 05 dez. 2021.

CAMPELLO, L. de O. S. **O legado documental de Epifânio Dória**: por uma abordagem funcional dos arquivos pessoais. 2015. 658 f. Tese (Doutorado em História Social)- Universidade de São Paulo, 2015.

CAMPOS, J. F. G. **Recortes de jornal**: da prática social aos arquivos. 2018. 398 f. Tese (Doutorado em História Social)- Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

COOK, T. O passado é prólogo: uma história das ideias arquivísticas desde 1898 e a futura mudança de paradigma. In: HEYMANN, L.; NEDEL, L. (Orgs.). **Pensar os arquivos**: uma antologia. Rio de Janeiro: FGV, 2018, p. 17-81.

COOK, T. Arquivos pessoais e arquivos institucionais: para um entendimento arquivístico comum da formação da memória em um mundo pós-moderno. **Estudos históricos**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, 1998. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2062/1201>>. Acesso em: 26 out. 2020.

CUNNINGHAM, A. A alma e a consciência do arquivista: reflexões sobre o poder, a paixão e o positivismo de uma profissão missionária. **Cadernos BAD**, Portugal, n. 2, 2003. Disponível em: <<https://www.bad.pt/publicacoes/index.php/cadernos/article/view/848>>. Acesso em: 26 out. 2020.

CUNNINGHAM, A. O poder da proveniência na descrição arquivística: uma perspectiva sobre o desenvolvimento da segunda edição da ISAAR (CPF). **Acervo**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 1-2, p. 77-92, jan/dez 2007. Disponível em: <<http://revista.arquivonacional.gov.br/index.php/revistaacervo/article/view/74/74>>. Acesso em: 15 dez. 2020.

DELMAS, B.. Os arquivos na sociedade contemporânea. **Arquivo & Administração**, Rio de Janeiro, v.9, n.2, jul./dez. 2010.

DUCROT, A. A classificação dos arquivos pessoais e familiares. **Estudos históricos**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, 1998. Disponível em: <
<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2059/1198>>. Acesso em: 11 dez. 2020.

DURANTI, Luciana. Registros documentais contemporâneos como provas de ação. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 13, p. 50-64, 1994. Disponível em: <
<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1976/2164>> . Acesso em: 15 dez. 2020.

FIGUEIREDO, G. **A bala perdida**: memórias. Rio de Janeiro: TopBooks, 1998.

FREIRE, S. C. ; COSTA, M. V. S. B.; ACHILLES, D. A biblioteca particular de Guilherme Figueiredo: uma coleção especial. In: ENCUESTRO NACIONAL DE INSTITUCIONES CON FONDOS ANTIGUOS Y RAROS, 4., 2017, Buenos Aires. **Gestión del patrimonio bibliográfico y documental en bibliotecas, archivos y museos**. Ciudad Autónoma de Buenos Aires, 25 e 26 de septiembre de 2017. Disponível em: <
<https://www.bn.gov.ar/resources/conferences/pdfs/32/13-Stefanie%20Freire.%20ponencia.pdf>>. Acesso em: 16 fev. 2021.

FREIRE, S. C. **Dedicatórias manuscritas**: relações de afeto e sociabilidade na biblioteca de Manuel Bandeira. Dissertação (Mestrado em História)- Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

FREIRE, S. C.. As marcas extrínsecas nas bibliotecas particulares: o caso das dedicatórias. In: SILVA, Maria Celina Mello e (Org.). **Da minha casa para todos**: a institucionalização de acervos bibliográficos privados. Rio de Janeiro: Museu de Astronomia e Ciências Afins, 2018.

GARCÍA GUTIÉRREZ, A. Lógica demarcacionista: o ilimitado e outros contratemplos epistemológicos. In: **Uma outra memória é possível**: estratégias descolonizadoras do arquivo mundial. Petrópolis: Vozes, 2008.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. São Paulo: Atlas, 2008.

GOMES, A. C de. Nas malhas do feitiço: o historiador e os encantos dos arquivos privados. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, p. 121-127, 1998. Disponível em: <
<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/viewFile/2069/1208>>. Acesso em: 28 mar. 2021.

_____. Arquivos pessoais, desafios e encantos. **Revista do Arquivo Público Mineiro**, Belo Horizonte, v. 45, n. 2, jul./dez. 2009. Disponível em: <
http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/acervo/rapm_pdf/2009-2-A01.pdf>. Acesso em: 26 mar. 2021.

HEYMANN, L. Q. Indivíduo, memória e resíduo histórico: uma reflexão sobre arquivos pessoais e o caso Filinto Müller. **Estudos históricos**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 19, p. 41- 60, 1997.

_____. **De “arquivo pessoal” a “patrimônio nacional”**: reflexões acerca da produção de “legados”. Rio de Janeiro: CPDOC, 2005. Trabalho apresentado no I Seminário PRONEX Direitos e Cidadania apresentado no CPDOC/FGV, 2-4 de agosto de 2005. Disponível em: < <http://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/6758/1612.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 28 mar. 2021.

_____. **O lugar do arquivo**: a construção do legado de Darcy Ribeiro. Rio de Janeiro: Contracapa; FAPERJ, 2012.

_____. Arquivos pessoais em perspectiva etnográfica. In, p: TRAVANCAS, I.; ROUCHOU, J.; HEYMANN, L. (Orgs.). **Arquivos pessoais**: reflexões multidisciplinares e experiências de pesquisa. Rio de Janeiro: FGV, 2013. 67-76.

HOBBS, C. Vislumbrando o pessoal: reconstruindo traços de vida individual. In: EASTWOOD, T.; MACNEIL, H. (Orgs.). **Correntes atuais do pensamento arquivístico**. Belo Horizonte, UFMG, 2016. cap. 10, p. 303-341.

LOPEZ, A. P. A. **Como descrever documentos de arquivo**: elaboração de instrumentos de pesquisa. São Paulo: Arquivo do Estado, 2002. Disponível em: < https://www.arqsp.org.br/arquivos/oficinas_colecao_como_fazer/cf6.pdf> Acesso em: 15 dez. 2020.

LOPEZ, A. P. A.. Arquivos pessoais e as fronteiras da Arquivologia. **Gragoatá**, Niterói, v.8, n. 15, 2003. Disponível em: < <http://periodicos.uff.br/gragoata/article/view/33404/19391>>. Acesso em: 09 jan. 2020.

LOPEZ, T. A. Mário de Andrade leitor e escritor: uma abordagem de sua biblioteca e de sua marginália. **Escritos**, ano 5, n. 5, 2011. Disponível em: < <http://www.casaruibarbosa.gov.br/escritos/numero05/artigo04.php>>. Acesso em: 06 maio 2021.

MACÊDO, P. L. P.; OLIVEIRA, L. M. V. Arquivos pessoais e teoria arquivística: o arranjo como função de pesquisa. In: CAMPOS, J. F. G. (org.). **Arquivos pessoais**: experiências e perspectivas. São Paulo: ARQ-SP, 2019.

MACÊDO, P. L. P. Arquivos pessoais e teoria arquivística. In: MARIZ, A. C. A.; RANGEL, T. R. (Orgs.). **Arquivologia**: temas centrais em uma abordagem introdutória. Rio de Janeiro: FGV, 2020.

MANINI, M. P. Acervos imagéticos e memória. **PontodeAcesso**, Salvador, v.10, n.3, p.97-115, dez. 2016. Disponível em: < <https://portalseer.ufba.br/index.php/revistaici/article/view/20934/13945>>. Acesso em: 06 dez. 2020.

MARIZ, A. C. A.; CORDEIRO, R. I. de N. Fotografias nos arquivos pessoais: o contexto de produção para organização dos acervos nas instituições. In: BARROS, T. H. B; TOGNOLI, N. B. (Orgs.). **Organização do conhecimento responsável**: promovendo sociedades democráticas e inclusivas. Belém: UFPA, 2019. (Estudos Avançados em Organização do Conhecimento; 5). Disponível em: < <http://isko-brasil.org.br/wp->

content/uploads/2019/09/LIVRO-ISKO-BRASIL-EDI%C3%87%C3%83O-BEL%C3%89M.pdf >. Acesso em: 01 dez. 2020.

MARIZ, A. C. A.; SILVA, A. M.; CORDEIRO, R. I. N.; SILVA, A. M. As fotografias nos arquivos pessoais e familiares: para uma revisão teórica. **Páginas A&B**, Portugal, n. 14, p. 74-90, 2020. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/152821>>. Acesso em: 18 dez. 2021.

MATTOS, R.; PEREIRA, A. A. C. Discussões em torno dos arquivos pessoais face à teoria arquivística. **Biblos**, Rio Grande do Sul, v. 33, n. 2, p. 75-91, jul./dez. 2019. Disponível em: <<https://periodicos.furg.br/biblos/article/view/8826>>. Acesso em: 02 maio 2021.

MCKEMMISH, S. Provas de mim... In: HEYMANN, L.; NEDEL, L. (Orgs.). **Pensar os arquivos**: uma antologia. Rio de Janeiro: FGV, 2018, p. 239-259.

MOLES, A. A. Biblioteca pessoal, biblioteca universal. **Revista de Biblioteconomia de Brasília**, Brasília, v. 6, n. 1, jan./jun. 1978. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/74964>>. Acesso em: 06 maio 2021.

OLIVEIRA, L. M. V. de. **Modelagem e status científico da descrição arquivística no campo dos arquivos pessoais**. 2010. 188 f. Tese (Doutorado em História Social)- Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

OLIVEIRA, L. M. V. de. **Descrição e pesquisa**: reflexões em torno dos arquivos pessoais. Rio de Janeiro: Móbile, 2012.

OLIVEIRA, L.M.V.de; SILVA, J.A. da; SOBRAL, C.C.de. Repensando as cartas em arquivos pessoais. In: SIMEÃO, E. et al (Coord.). **Informação e sociedade**: patrimônio e memória documental. Madrid: Universidad Complutense de Madrid, 2019. Disponível em: <<https://eprints.ucm.es/id/eprint/60630/15/volumen4.pdf>>. Acesso em: 02 jan. 2022.

PAES, M. L. **Arquivo**: teoria e prática. 3 ed. rev. ampl. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

PEREIRA, D. V.; COSTA, M.V. da S. B.; NEVES, M. H.. Arquivos pessoais e suas potencialidades para pesquisa: o caso do arquivo Guilherme Figueiredo. **PontodeAcesso**, Salvador, v.13, n.1, p.171-192, abr. 2019. Disponível em: <<https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaici/article/view/27540/19551>>. Acesso em: 19 fev. 2021.

PINHEIRO, A.V. Catalogação de livros raros: proposta de metodologia de formalização de notas especiais para difusão, recuperação e salvaguarda. In: ENCONTRO DE ESTUDOS E PESQUISAS EM CATALOGAÇÃO, 3., 2012. [Anais...] Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2012. Disponível em: <<http://www.telescopium.ufscar.br/index.php/eepc/3eepc/paper/viewFile/316/309>>. Acesso em: 02 jan. 2022.

RODRIGUES, M. C. (Coord.). **Glossário ilustrado de marcas de proveniência**. Rio Grande, RS: FURG, 2021. Disponível em: <<https://www.ufrgs.br/tesauros/index.php/thesa/terms/336>>. Acesso em: 05 dez. 2021

SANTOS, P. R. E. dos. Arquivo pessoal, ciência e saúde pública: o arquivo Rostan Soares entre o laboratório, o campo e o gabinete. In: SILVA, M. C. M. e; SANTOS, P. R. E. dos (Orgs.). **Arquivos pessoais: história, preservação e memória da ciência**. Rio de Janeiro: AAB, 2012.

SCHWARTZ, J. M.; COOK, T.. Arquivos, Documentos, Poder: a construção da memória moderna. **Registro**, Indaiatuba (SP), ano III, n. 3, jul. 2004.

SILVA, E. P. da; MELO, M. T. de. A dispersão de fundos de arquivos pessoais. **Revista do arquivo geral da cidade do Rio de Janeiro**, Rio de Janeiro, n. 10, 2016. Disponível em: <http://wpro.rio.rj.gov.br/revistaagcrj/wp-content/uploads/2016/11/e10_a05.pdf>. Acesso em 19 jan. 2020.

SILVA, M.C.S. de M. Reorganização de fundo: uma experiência em arquivo pessoal de cientista. In: SILVA, M. C. S. de M.; SANTOS, P. R.E. dos (Orgs.). **Arquivos pessoais: história, preservação e memória da ciência**. Rio de Janeiro: Associação dos Arquivistas Brasileiros, 2012.

_____. Os arquivos pessoais e os desafios para os arquivistas. In: GARCÍA, N; SILVA; M. C. S. de M. (Coord.). **Archivos personales: experiencias de organización y gestión**. Córdoba: Redes, 2017.

_____.; LINO, L. A. da S. Arquivos pessoais, acervos bibliográficos e objetos: uma integração necessária. In: SILVA, M. C. S de M. (Org.) **Da minha casa para todos: a institucionalização de acervos bibliográficos privados**. Rio de Janeiro: MAST, 2018.

_____. O legado do escritor Fernando Py e a organicidade entre arquivo e biblioteca. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE ARQUIVOS, 8., 2021. [**Anais...**] São Paulo: Eventus, 2021. Disponível em: <<https://www.even3.com.br/anais/simposiointernacionaldearquivos/336978-O-LEGADO-DO-ESCRITOR-FERNANDO-PY-E-A-ORGANICIDADE-ENTRE-ARQUIVO-E-BIBLIOTECA>>.

SMIT, J.W. Entre arquivos, bibliotecas e museus: a interdisciplinaridade em pauta. In: CAMPOS, J. F.G. (Org.). **Arquivos pessoais: experiências, reflexões, perspectivas**. São Paulo: ARQ-SP, 2017. Disponível em: <https://www.arqsp.org.br/wp-content/uploads/2016/11/Arquivos-pessoais_experiencias_reflexoes-perspectivas_1_e-book.pdf>. Acesso em: 05 dez. 2021.

SOUSA, A. et al. Princípios da descrição arquivística: do suporte convencional ao eletrônico. **Arquivística.net**, Rio de Janeiro, v.2, n. 2, p 38-51, ago./dez. 2006.

SOUSA, A. V. de. **A UNIRIO e o arquivo pessoal de Guilherme Figueiredo: a aquisição de acervos arquivísticos privados por instituições públicas de ensino superior**. 2019. 167 f. Dissertação (Mestrado em memória e acervos)- Fundação Casa de Rui Barbosa, Rio de Janeiro, 2019.

SUNDSTRÖM, A. da S.S.; SILVA, H.O.P. Catalogação de obras raras: análise das perspectivas bibliográfica e bibliológica. **Revista Conhecimento em Ação**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, jan./jun. 2018.

TERRADA, G.A.F; FONSECA, V.M.M. da. Perfil e lugar dos arquivos privados institucionais em entidades custodiadoras cariocas. **Inf. Inf.**, Londrina, v. 24, n. 1, p. 383 – 402, jan./abr. 2019. Disponível em: < <https://brapci.inf.br/index.php/res/download/110894>>. Acesso em: 05 dez. 2021.

THOMASSEM, T. Uma primeira introdução à arquivologia. **Arquivo & Administração**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, 2006. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/51643>. Acesso em: 05 dez. 2021.

VAM DE BERG, T. V. Os arquivos pessoais como objeto de pesquisa em Arquivologia. In: CAMPOS, J. F. G. (org.). **Arquivos pessoais: experiências e perspectivas**. São Paulo: ARQ-SP, 2019.

VENANCIO, R. P.. Onde estão os arquivos pessoais? Uma sondagem. In: OLIVEIRA, Lúcia Maria Velloso de. (Org.). **Arquivos pessoais e cultura: o direito à memória e à intimidade**. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2016, p. 59-73.

VIAN, Alissa Esperon; RODRIGUES, Marcia Carvalho. **Marcas de proveniência bibliográficas: um estudo sobre os ex-libris**. Rio Grande: FURG, 2020. Disponível em: < <http://repositorio.furg.br/handle/1/9360>>. Acesso em: 05 dez. 2021.

APÊNDICE

GUILHERME DE OLIVEIRA FIGUEIREDO

Cronologia

1915

1 (13 de fevereiro) Nasce em Campinas (SP).

1925

1 Ingressa no Colégio militar do Rio de Janeiro

1932

1 Ingressa no curso de Direito, na Universidade do Rio de Janeiro (atual UFRJ).

2 Primeiros trabalhos jornalísticos em *O jornal*.

1934

1 Redator do jornal *A Nota* (1934-1935).

1936

1 Conclui o curso de Direito.

2 Publica, pela Editora Irmãos Pongetti, versos “Um violino na sombra”.

3 Publica, pela Editora Irmãos Pongetti, Discurso de orador oficial da turma de bacharéis, juntamente com o discurso de paraninfo, professor Hahnemann Guimarães.

1937

1 Advogado-estagiário e depois nomeado advogado da Prefeitura Municipal de São Paulo, cargo que exerce até **1939**.

1938

1 Atua como advogado de seu pai Euclides Figueiredo perante o Tribunal de Segurança Nacional.

1939

- 1 Trabalha como Redator e revisor das Revistas *O cruzeiro* e *A cigarra* .
- 2 Trabalha como Colaborador para as Revistas *Carioca*, *Vamos ler*, *Revista do Brasil* e *Diário de Notícias*.
- 3 Publica, pela Editora José Olympio, romance “*Trinta anos sem paisagem*” .

1941

- 1 (19 de março) Casa-se com Alba Lobo de Figueiredo na Igreja dos Capuchinhos no Rio de Janeiro.

1942

- 1 Trabalha como Redator da McCann Erickson Publicidade S.A., cargo que exerce até **1946**.
- 2 Publica tradução, pela Editora Irmãos Pongetti, “Chateaubriand” de André Maurois.
- 3 Publica, pela Casa do Estudante, “Miniatura de História da Música”.

1943

- 1 Trabalha como Jornalista no *Diário de Notícias*, cargo que exerce até **1945**.
- 2 Trabalha como Jornalista no *Jornal do Commercio*, cargo que exerce até **1945**.
- 3 Publica, pela Editora O Cruzeiro, “Rondinella”.

1945

- 1 Publica tradução, pela Editora O cruzeiro, “Shostakovich” de Vitor Seroff e prefácio de Mário de Andrade.

1947

- 1 Recebe condecoração *Medaille de la Reconnaissance*, do Governo Francês

1949

- 1 Leciona, na condição de Professor contratado da cadeira de História do Teatro, no Conservatório Nacional de Teatro, do Serviço Nacional de Teatro do Ministério da Educação.

1950

- 1 Publica, em Revista da SBAT, “Lady godiva”.
- 2 Recebe Prêmio Artur Azevedo, da Academia Brasileira de Letras.
- 3 Recebe Prêmio Cidade do Rio de Janeiro, da Câmara Municipal.
- 4 Recebe Prêmio da Associação Brasileira de Críticos Teatrais.

1952

- 1 Publica tradução, pelo Serviço Nacional de Teatro (SNT), “Tartufo” de Molière.
- 2 Publica, em Revista Comédia, “Um deus dormiu lá em casa”
- 3 Publica, em Revista Anhembi, “A raposa e as uvas”.
- 4 Publica, em Revista France Illustration, versão francesa da peça teatral “Um deus dormiu lá em casa”.

1953

- 1 Publica, pelo Serviço de Documentação do Ministério da Educação, versão inglesa de “Um deus dormiu lá em casa”.

1954

- 1 Recebe Prêmio da Associação Brasileira de Críticos Teatrais.

1955

- 1 Publica, pela Editora Martins, romance “Viagem a Altemburgo”.

1956

- 1 Trabalha como Diretor da Televisão Tupi, no Rio de Janeiro, cargo que exerce até **1957**.
- 2 Publica, pela Editora Martins, “A raposa e as uvas”.
- 3 Recebe Prêmio Cidade do Rio de Janeiro, da Câmara Municipal.
- 4 Recebe condecoração Chevalier des Arts et Lettres, do Governo Francês.

1957

- 1 Trabalha como Chefe do Serviço de Relações públicas da Rio Light S. A., cargo que exerce até **1964**.

2 Publica, pela Editora Civilização Brasileira, peça teatral “Tragédia para rir”.

3 Publica, pela Editora Civilização Brasileira, “Xântias: oito ensaios de redação teatral”

4 Publica, pela Editora Dramas e Comédias, peça teatral “Os fantasmas”.

1958

1 Publica, pela Editora Carro de Tespis, versão espanhola de “Lady godiva”.

1959

1 Publica tradução, pela Editora Delta (Coleção dos prêmios Nobel de Literatura), “Além das forças” de Bjornstjerne Bjornson.

2 Publica, em Revista Dois mundos, versão espanhola da peça teatral “A muito curiosa história da virtuosa matrona de Éfeso”.

3 Publica tradução, pela Editora Civilização Brasileira, “Tartufo” de Molière.

4 Recebe Prêmio Artur Azevedo, da Academia Brasileira de Letras.

1960

1 Trabalha como Jornalista em *O Jornal*, cargo que exerce até **1961**.

1961

1 Publica, pela Editora Civilização brasileira, “O outro lado do rio”.

1962

1 Integra, na condição de membro, delegação do Brasil junto à Assembleia Geral da ONU, em Nova York.

2 Publica, pela Editora Civilização brasileira, “Tratado geral dos chatos.”

1964

1 Atua como Adido cultural junto à Embaixada do Brasil em Paris (França), cargo que exerce até **1968**.

2 Publica, pela Editora Civilização brasileira, “Os sete pecados capitais”, em colaboração com Guimarães Rosa, Otto Lara Resende, Carlos Heitor Cony, Mário Donato, José Condé e Lygia Fagundes Telles.

3 Publica, pela Editora Civilização brasileira, “História para se ouvir de noite”.

4 Publica, pela Editora Civilização brasileira, “Comidas, meu santo!”.

5 Publica, pela Editora Civilização brasileira, “As excelências ou como entrar para academia”.

6 Publica, pela Editora Giroflé, livro infantil “A arca do senhor Noé”.

1965

1 Publica, pela Editora Jose Alvaro, “Deus sobre as pedras”.

1966

1 Recebe condecoração Chevalier du Mérite Scientifique, do Governo Francês.

1967

1 Atua como Representante do Brasil no Congresso Anticolonialista e Antiapartheid da UNESCO em Zâmbia, África.

1968

1 Trabalha como Jornalista em *O Correio da manhã*, cargo que exerce até **1974**.

2 Atua como Secretário executivo para o Intercâmbio Educacional entre os Estados Unidos e o Brasil (Comissão Fulbright), cargo que exerce até **1974**.

3 Recebe condecoração Ordre National du Mérite, do Governo Francês.

4 Publica tradução, pela Editora Expressão e cultura, “Ação para o futuro”, de Pierre Mendes-France.

5 Publica, pela Editora Expressão e cultura, livro infantil “Pedrinho e Teteca”.

1969

1 Atua como Professor titular da História do teatro do Conservatório Nacional de Teatro.

1973

1 Publica, pela Editora Catedra, “Ração de abandono”.

1974

1 Trabalha como Relações públicas da Carvalho Hosken S. A. Engenharia e Construções, cargo que exerce até **1975**.

2 Recebe condecoração de cidadão honorário do Estado da Guanabara

1976

1 Publica, pelas Editoras Catedra e Instituto Nacional do Livro, “Papai Noel para gente grande”.

1977

1 Publica, pelas Editoras Catedra e Instituto Nacional do Livro, “A pluma e o vento: crônicas”

2 Participa de Conferência sobre “O teatro no renascimento”, no Museu de Belas artes do Rio de Janeiro.

1978

1 É nomeado Reitor da UNIRIO, cargo que exerce até **1988**.

2 Publica, pela Editora Civilização brasileira, “Comer & beber: (ensaios de culinária e gastronomia”.

1979

1 É nomeado Professor titular da UNIRIO por “notório saber” conferido pelo Conselho Nacional de Educação do MEC.

2 É nomeado Presidente da FUNARJ, cargo que exerce até **1980**.

1980

1 Defende tese intitulada “Tartufo 79 – para uma poética da tradução do teatro em verso de Molière”.” e recebe diploma da Faculdade de letras da UFRJ.

2 Publica, pela editora Civilização brasileira, “Tartufo 81 (ensaio sobre poética da tradução do teatro em verso de Molière)”.

2 Recebe condecoração Officier des Arts et Lettres, do Governo Francês.

3 Recebe condecoração Oficial del Orden San Martín, do Governo Argentino.

1982

1 Recebe condecoração Gran Cruz del Rei Don Alfonso X, el sábio, do Governo Espanhol.

2 Publica, pela Editora Cátedra, “Vamos ler Guilherme Figueiredo” (contos).

1983

1 Publica, pela editora Cátedra, “Despropósitos” (exercícios de estilo).

1984

1 Publica, pela editora Nova fronteira, “Cobras e lagartos (rodapés de crítica literária, 1943 a 1945)”.

1985

1 Colunista em *O Globo*, cargo que exerce até **1997**.

1986

1 Publica, pela editora Nova Fronteira, “O homem e a sombra” (contos).

1990

1 Publica, pela editora Cultural Atheneu, “Presente de grego e outros presentes” (crônicas).

1994

1 Publica, pela editora Civilização brasileira, romance “Maria da praia”.

1997

(24 de maio) Falece, no Rio de Janeiro (RJ).

Sem data

Fundador e sócio benemérito da Orquestra Sinfônica Brasileira

Conselheiro da Sociedade Brasileira de Autores Teatrais

Presidente da Associação Brasileira de Escritores (1947?)

Presidente do Centro Brasileiro de Teatro do IBCEC

Membro da Academia Campinense de Letras

Membro do PEN Clube Brasil

Membro da Associação Brasileira de Imprensa

Membro do Sindicato dos Jornalistas Profissionais

Membro correspondente do Institut de France

Membro da Hispanic-American Society (New York, EUA)

Fundador e membro do Conselho universitário da Uni-Rio

Fundador e membro de Curadores da Casa França-Brasil

Vice-presidente da Sociedade Brasileira de Autores Teatrais